



Class PQ9198

Book .A2

1856a

COPY 2



26
Camões, Luiz de f 2330
4374

OS
LUSIADAS
POEMA EPICO

Rio de Janeiro

1836

copy 2

PG919B

.A2

1856a

copy 2

AMX 14 R 10

OS

LUSIADAS



CANTO I

UNIVERSITY OF CHICAGO

1877

OS LUSIADAS.



CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passarão ainda além da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana:
E entre gente remota edificarão
Novo reino, que tanto sublimarão:

II.

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andarão devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizerão:
Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias, que tiverão;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedecêrão:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me uma furia grande, e sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accênde, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual Canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no Universo:
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande;
Para do mundo a Deos dar parte grande:

VII.

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turço oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licôr do santo rio:

IX.

Inclinai por um pouco a magestade ,
Que nesse tenro gesto vos contemplo ,
Que já se mostra , qual na inteira idade ,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos ,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria , não movido
De premio vil , mas alto , e quasi eterno ;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daquelles , de quem sois senhor superno :
E julgareis , qual é mais excellente ,
Se ser do mundo Rei , se de tal gente.

XI.

Ouvi ; que não vereis com vãs façanhas ,
Phantasticas , fingidas , mentirosas ,
Louvar os vossos , como nas estranhas
Musas , de engrandecer-se desejosas :
As verdadeiras vossas são tamanhas ,
Que excedem as sonhadas , fabulosas ,
Que excedem Rodamonte , e o vão Rugeiro ,
E Orlando , inda que fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço:
Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobião.

Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se, a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV.

E emquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei; que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que, affeiçãoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas,
Uma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperão ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas,
E lá vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos que o desejão,
Dai vós favor ao novo atrevimento;
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque veirão,
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão,
Das náos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravão
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o crystallino céu formoso,
Vem pela via lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixão dos sete céos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder que só co'o pensamento
Governa o céu, a terra, e o mar irado:
Ali se achárão juntos n'um momento
Os que habitão o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o padre ali sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, sevéro e soberano:
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornára um corpo humano,
Com uma corôa e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavão:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavão:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero pólo e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'um poder tão singelo e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do céo sereno:
Assi que sempre emfim com fama e gloria
Teve os trophéos pendentés da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Viriáto na inimiga
Guerra romana tanto se afamárão:
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome, quando alevantárão
Um por seu capitão que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vêdes bem que commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve :
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinão seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do sol a rôxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e céos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos,
E, tendo guarneçada a lassa frota,
Tornaráo a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia :
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho ali não consentia
No que Jupiter disse; conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados que viria
Uma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha :
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha :
Altamente lhe dóe perder a gloria ;
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vè que já teve o Indo subjugado ,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso :
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegão
Os fortes Portuguezes que navegão.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Afeiçãoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiga tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrarão na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

XXXIV.

Estas causas movião Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, um pela infamia que arrecêa,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e ita porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro
Por dar seu parecer se pôz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no sólio puro,
O céu tremeu, e Apollo de torvado
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: Ó padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece que creaste,
Se esta gente que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeção vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito:

XXXIX.

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse;
Pois que de Luso vem, seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque emfim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o céo deseja.

XI.

E tu, padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento Iêve e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada um dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Emquanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço; e o sol ardente
Queimava então os deoses que Typhêo
Co' o temor grande em peixes converteu.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavão,
Como quem o céo tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravão
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavão
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas que em torno cerca e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão;
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeu como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
 Uns pequenos bateis que vem daquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga véla:
 A gente se alvoroça, e de alegria,
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente será esta? em si dizião:
 Que costumes, que lei, que rei terião?

XLVI.

As embarcações erão na maneira
 Mui velozes, estreitas e compridas:
 As vélas com que vem erão de esteira
 D'umas folhas de palma bem tecidas:
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton nas terras accendidas
 Ao mundo deu, de ousado, e não prudente:
 O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinhão vestidos
 De varias côres, brancos e listrados:
 Uns trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados:
 Das cintas para cima vem despídos:
 Por armas tem adargas e terçados,
 Com toucas na cabeça, e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co'os pannos e co'os braços acenavão
A's gentes lusitanas que esperassem :
Mas já as prôas ligeiras se inclinavão,
Para que junto ás ilhas amainassem :
A gente, e marinheiros trabalhavão,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem :
Tomão vélas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido emcima salta.

XLIX.

Não erão ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia,
No gesto ledos vem, e humanamente
O capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr incontinte :
Do licôr que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitão
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

L.

Comendo alegremente perguntavão
Pela arabica lingua, donde vinhão :
Quem erão: de que terra: que buscavão:
Ou que partes do mar corrido tinhão.
Os fortes Lusitanos lhe tornavão
As discretas respostas que convinhão :
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antartico e Callisto,
Toda a costa africana rodeado,
Diversos céos e terras temos visto:
D'um Rei potente somos, tão amado,
Tão quêrido de todos e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois: que terra é esta que habitais:
Ou se tendes da India alguns signais.

LIII.

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei e nação:
Que os proprios são aquelles que criou
A natura sem lei e sem razão:
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãe Hebreia teve e o pai gentio.

LIV.

Esta ilha pequena que habitamos,
E' em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E, porque tudo emfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa que allumiasse
O largo mundo emquanto repousasse

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada ;
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada ,
E como os que na errada seita crêrão ,
Tanto por todo o mundo se estendêrão.

LVIII.

Da lua os claros raios rutilavão
Pelas argenteas ondas neptuninas ,
As estrellas os céos acompanhavão ,
Qual campo revestido de boninas :
Os furiosos ventos repousavão
Pelas covas escuras peregrinas :
Porém da armada a gente vigiava ,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas, assi como a aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No céu sereno, abrindo a ròxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou ,
Começa a embandeirar-se toda a armada ,
E de toldos alegres se adornou ,
Por receber com festas e alegria ,
O Regedor das ilhas que partia :

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras lusitanas,
Com refresco da terra em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos caspios habitando,
A conquistar as terras asianas
Vierão, e por ordem do destino
O imperio tomárão a Constantino.

LXI.

Recebe o capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia:
Dá-lhe de ricas peças um presente
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente
Não usado licôr que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII.

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o traje e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinhão de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz tambem que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê:
 E porque tudo note e tudo veja,
 Ao capitão pedia, que lhe dê
 Mostra das fortes armas, de que usavão,
 Quando co'os inimigos pelejavão.

LXIV.

Responde o valeroso capitão
 Por um, que a lingua escura bem sabia:
 Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mi, da lei, das armas, que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa,
 Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil,
 Aquelle, que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil:
 Que padeceu deshonra, e vituperio,
 Soffrendo morte injusta, e insoffribil:
 E que do céo á terra emfim desceu,
 Por subir os mortaes da terra ao céo.

LXVI.

Deste DEOS-Homem, alto, e infinito
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente,
Que dêm fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra, quanto póde: e com razão;
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porém disto , que o Mouro aqui notou ,
E de tudo o , que vio com olho attento ,
Um odio certo na alma lhe ficou ,
Uma vontade má de pensamento :
Nas mostras , e no gesto o não mostrou ;
Mas com risonho , e ledo fingimento
Trata-los brandamente determina ,
Até que mostrar possa o , que imagina .

LXX.

Pilotos lhe pedia o capitão ,
Por quem pudesse á India ser levado :
Diz-lhe , que o largo premio levarão
Do trabalho , que nisso fôr tomado .
Promette-lh'os o Mouro com tenção
De peito venenoso , e tão damnado ,
Que a morte , se pudesse , neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria .

LXXI.

Tamanho o odio foi , e a má vontade ,
Que aos estrangeiros subito tomou ;
Sabendo ser sequazes da verdade ,
Que o filho de David nos ensinou .
Oh segredos daquella Eternidade ,
A quem juizo algum não alcançou !
Que nunca falte um perfido inimigo
Áquelles , de quem foste tanto amigo !

LXXII.

Partio-se nisto emfim co'a companhia,
Das náos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortárão os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal côxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E emquanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas
Hajão os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizerão os deoses, que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo do seu jugo o féro Marte:
 Mas ha se de soffrer, que o fado dêsse
 A tão poucos tamanho esforço, e arte,
 Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano
 Dêmos lugar ao nome lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque, antes que chegado
 Seja este capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu descerei á terra, e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita,
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
 Sobre a terra africana descendeu,
 Onde vestindo a fôrma, e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveu:
 E, por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteu
 D'um Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co'o Xequê mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo , e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como erão gentes roubadoras
Estas , que ora de novo são chegadas :
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio , que roubadas
Forão por estes homens , que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

LXXIX.

E sabe mais , lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos , com incendios violentos :
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres , e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei , que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo
O capitão dos seus acompanhado ;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu debes de ir tambem co'os teus armado
Espera-lo em cilada, occulto e quedo ;
Porque , sahindo a gente descuidada,
Cahiráõ facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente :
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou :
O Mouro nos taes casos sabio, e velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho :
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho ;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em rôxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
Mouro, que por piloto á náó lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o damno,
De quem fiar-se possa um feito grande :
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co'elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, donde nunca se alevante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathêos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas póde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario;
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavão pela prais,
Por lhe defender a agua desejada,
Um de escudo abraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperão, que a guerreira gente sáia:
Outros muitos já postos em cilada:
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andão pela ribeira alva arenosa
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde, que é primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria:
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza:
 Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
 A povoação sem muro, e sem defesa,
 Esbombardêa, accende, e desbarata.
 Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
 Que bem cuidou compra-la mais barata:
 Já blasphema da guerra, e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI.

Fugindô, a setta o Mouro vai tirando
 Sem força, de covarde, e de apressado,
 A pedra, o páo, e o canto arremessando;
 Dá-lhe armas o furor desatinado (23):
 Já a ilha, e todo o mais desamparando,
 Á terra firme foge amedrôntado:
 Passa, e corta do mar o estreito braço,
 Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

XCII.

Uns vão nas almadias carregadas,
 Um corta o mar a nado diligente,
 Quem se afoga nas ondas encurvadas,
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
 Arrombão as miudas bombardadas
 Os pangaios subtis da bruta gente:
 Desta arte o Portuguez enfim castiga
 A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornão victoriosos para a armada
 Co' o despojo da guerra e rica presa,
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo, mais que nunca, accêsa:
 E, vendo sem vingança tanto damno,
 Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
 O Regedor daquella iniqua terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em signal das pazes, que tratava.

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado;
 Que tempo concertado, e ventos tinha,
 Para ir buscar o Indo desejado;
 Recebendo o piloto, que lhe vinha,
 (Foi d'elle alegremente agasalhado)
 E respondendo ao mensageiro, attento,
 As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda e costas, que passava.

XCVII.

Mas o Mouro, instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte, ou captiveiro, novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o, que pede, lhe declara;
Que havendo por verdade o, que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede:
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina;
Porque em poder e forças muito excêde
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada;
Não consente, que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia,
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar ávante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante;
Lhe diz, que, pois as aguas discorrendo,
Os levárão por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Erão Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento emfim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a, que a Mafamede celebrava.
O capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vélas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia,
Uma cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiqua idade,
Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o capitão chegado,
Estranhamente ledó; porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe disséra:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisára
Na fórma d'outro Mouro, que tomára.

CV.

O recado, que trazem, é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos são de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

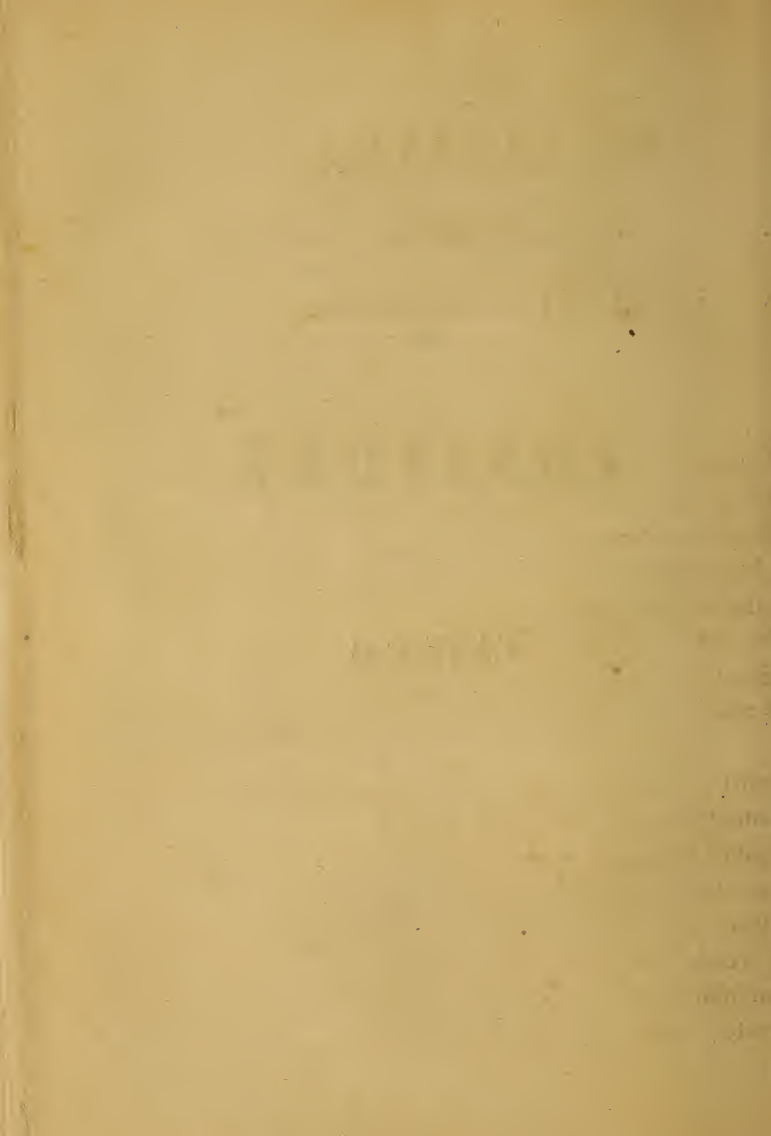
CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pôde acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?



OS
LUSIADAS

CANTO II



OS LUSIADAS.



CANTO SEGUNDO.

I.

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrando,
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegarão
Ás náos, que pouco havia que ancorárão.

II.

D'entre elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais, que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receioso,
Entres a barra tu, com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz, que na terra podes reforma-la;
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV.

E, se buscando vás mercadoria,
Que produce o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante:
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos;
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejão
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda;
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava:
Forão com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E, depois que ao Rei apresentarão
Co'o recado os presentes, que trazião,
A cidade corrêrão, e notárão
Muito menos daquillo, que querião;
Que os Mouros cautelosos se guardarão
De lhe mostrarem tudo o, que pedião;
Que, onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis, que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'uma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

XI.

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahirão,
De fogo, varias linguas referirão.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui forão de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendô que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol forão no mundo, e n'um momento
Appareceu no rubido horizonte
Da moça de Titão a rôxa fronte:

XIV.

Tornão da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia;
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os, que mandou, que em terra virão
Sacras aras, e sacerdote santo:

Que ali se agasalhárão, e dormirão,
Emquanto a luz cobrio o escuro manto:

E que no Rei e gentes não sentirão
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subião;
Que levemente um animo se fia
De mostras, que tão certas parecião.
A náó da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que trazião:
Alegres vinhão todos; porque crêm,
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cantamente apparelhavão
Armas, e munições; que como vissem,
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traição determinavão,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da prôa as vélas sós ao vento dando,
Inclinão para a barra abalisada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Vôa do céo ao mar como uma setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que desceu,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma:
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar, do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de um Tritão com gesto acceso
Vai a linda Dióne furiosa :

Não sente , quem a leva , o doce peso ,
De soberbo com carga tão formosa :
Já chegão perto , donde o vento teso
Enche as vélas da frota bellicosa :
Repartem-se , e rodêão nesse instante
As náos ligeiras , que ião por diante .

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
Da prôa capitaina , e ali fechando
O caminho da barra , estão de geito ,
Que em vão assopra o vento , a véla inchando :
Põe no madeiro duro o brando peito ,
Para detrás a forte náó forçando :
Outras , em derredor , levando-a estavão ,
E da barra inimiga a desviavão .

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas ,
Levando o peso grande accommodado ,
As forças exercitão , de inimigas
Do inimigo inverno congelado ;
Ali são seus trabalhos , e fadigas ,
Ali mostrão vigor nunca esperado :
Taes andavão as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando .

XXIV.

Torna para detrás a náó forçada,
 Apezar dos que leva, que gritando
 Marêão vélas, ferve a gente irada,
 O leme a um bordo, e a outro atravessando:
 O mestre astuto em vão da poupa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estava um maritimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a náó lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se alevanta
 No rudo marinheiro, que trabalha:
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrída batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa, quem lhe valha;
 Cuidão, que seus enganós são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavão
 A seus bateis veloces, que trazião:
 Outros emcima o mar alevantavão,
 Saltando n'agua, e a nado se acolhião:
 De um bordo e d'outro subito saltavão;
 Que o medo os compellia do, que vião;
 Que antes querem ao mar aventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagôa
 As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente;
 Daqui e dali saltando, o charco sôa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros: e o piloto,
 Que ao perigo grande as náos guiára,
 Credo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando na agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percão a vida doce e chara,
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza;
 Entende o, que ordenava a bruta gente:
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a náo passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
O' tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algun porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscâmos;
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
 A formosa Dióne: e commovida,
 D'entre as nymphas se vai, que saudosas
 Ficárão desta subita partida:
 Já penetra as estrellas luminosas,
 Já na terceira esphera recebida,
 Avante passa, e lá no sexto céo,
 Para onde estava o Padre, se moveu.

XXXIV.

E como ia affrontada do caminho,
 Tão formosa no gesto se mostrava,
 Que as estrellas, e o céo, e o ar vizinho,
 E tudo, quanto a via, namorava.
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
 Uns espiritos vivos inspirava,
 Com que os polos gelados accendia,
 E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
 Se lh'apresenta assi, como ao Troiano
 Na selva Idèa já se apresentára.
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeu, vendo Diana na agua clara,
 Nunca os famintos galgos o matárão;
 Que primeiro desejos o acabárão.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparzião
Pelo collo, que a néve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammæ lhe sabião,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavão
Desejos, que como hera se eurolavão.

XXXVII.

C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo, dos rôxos lírios pouco avaro:
Mas, para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro:
Já se sentem no céo por toda a parte
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante
Co' o riso uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante,
E se torna entre alegrê magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, oh Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil, e amoroso;
 Posto que a algum contrario lhe pezasse:
 Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que t'ó merecesse, nem te errasse;
 Faça-se como Baccho determina,
 Assentarei emfim, que fui mofina.

XL.

Este povo, que é meu, por quem derramo
 As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro, e bramo,
 E contra minha dita emfim pelejo.
 Ora pois; porque o amo, é mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas Moura emfim nas mãos das brutas gentes;
 Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' o orvalho fica a fresca rosa:
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa,
 Torna a segui-la: e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que movêrão de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do céo subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo, que dali, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára:

XLIII.

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que, quem no afaga, o choro lhe accrescenta:
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira emfim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente:

XLV.

Que, se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo:
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo:
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo:
 Os vossos, móres cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros
 Por elles vereis, filha, edificados:
 Os Turcos bellacissimos, e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados:
 Os Reis da India livres, e seguros
 Vereis ao Rei potente subjugados:
 E por elles, de tudo emfim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este, que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar delle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando!
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa emfim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

LXIX.

E vereis o mar Rôxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjugado:
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado (9);
Que, quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo:
Do Mouro, ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Céu blasphema

LI.

Gôa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força, e gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo, e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica;

LIV.

Como vereis, o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando:
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostraráõ esforço mais, que humano;
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra; porque tenha
Um pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cyllenêo voava :
 Com as azas nos pés á terra desce :
 Sua vara fatal na mão levava ,
 Com que os olhos cansados adormece :
 Com esta as tristes almas revocava
 Do inferno, e o vento lhe obedece ;
 Na cabeça o galero costumado ;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva ; porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro ;
 Que o nome illustre a um certo amor obriga ,
 E faz a quem o tem , amado e caro .
 Desta arte vai fazendo a gente amiga
 Co'o rumor famosissimo, e preclaro :
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dali para Mombaça logo parte ,
 Aonde as náos estão temerosas ;
 Para que á gente mande, que se aparte
 • Da barra imiga, e terras suspeitosas :
 Porque mui pouco val esforço, e arte ,
 Contra infernaes vontades enganosas :
 Pouco val coração, astucia, e siso ,
 Se lá dos Céos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no céo co'a luz alhêa
Tinhão o largo mundo allumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite, que arrecêa,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Foge, fôge, Lusitano,
Da cilada, que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo damno:
Foge; que o vento, e o céo te favorece;
Serenos o tempo tens, e o oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão aparelhado
O hospicio, que o crú Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Foge das gentes perfidas e féras

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
Lá quasi junto, donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Ali, tua frota alegre recebendo
Um Rei com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sábia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De uma subita luz, e raio santo:
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esp'rito ao mestre seu mandava,
Que as vélas desse ao vento, que assoprava.

LXV.

Dai vélas, disse, dai ao largo vento;
Que o céo nos favorece, e Deos o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros de uma e de outra banda,
Levão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo, que as ancoras levavão,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavão;
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de lynces vigiavão
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentirão,
Voando, e não remando, lhe fugirão.

LXVII.

Mas já as agudas prôas apartando
lão as vias humidas de argento,
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perdêrão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha uma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando virão
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respirão:
Porque havião de ser da Maura gente,
Para elles, arribando, as vélas virão:
Um de temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente á costa dava.

LXIX.

Não é o outro, que fica, tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e, se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava;
Cuidou, que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe succedeu, como cuidava;
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos céos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharáõ piloto certo.

LXXI.

Louvão do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O capitão o assella por verdade;
Porque já lh'o dissera deste geito
O Cyllenéo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz Phebea,
 Quando um e o outro corno lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea:
 A memoria do dia renovava
 O pressuroso sol, que o céo rodea,
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sello pôz a quanto tinha feito:

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
 Onde o reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte;
 Que bem mostra estimar o santo dia:
 Treme a bandeira, vò a o estandarte,
 A côr purpurea ao longe apparecia,
 Sôão os atambores, e pandeiros:
 E assi entravão ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
 Da gente, que vem ver a leda armada,
 Gente mais verdadeira, e mais humana,
 Que tóda a d'outra terra atrás deixada.
 Surge diante a frota lusitana,
 Péga no fundo a âncora pesada:
 Mandão fóra um dos Mouros, que tomárão,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestárão.

LXXV.

O Rei, que já sabia da nobreza,
 Que tanto os Portuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito, que sahisses;
 Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As, que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas:
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas cevadas,
 Com as fructas, que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o capitão alegremente
 O mensageiro ledo, e seu recado:
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia aparelhado,
 Escarlata purpurea, còr ardente,
 O ramoso coral, fino, e prezado,
 Que debaixo das aguas molle cresce,
 E, como é fóra dellas, se endurece

LXXVIII.

Manda mais um na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado, que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar; para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica por mandado
De um Rei, que temos, alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente?
 Que barbaro costume, e usança fea,
 Que não vedem os portos tão sómente,
 Mas inda o hospicio da deserta area?
 Que má tenção, que peito em nós se sente,
 Que de tão pouca gente se arrecea;
 Que com laços armados tão fingidos
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino,
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete divino;
 Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E não cuídes, ó Rei, que não sahisse
 O nosso capitão esclarecido,
 A ver-te, ou a servir-te; porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás, que o fez; porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda, que não sáia,
 Deixando a frota em nenhum porto; ou praia.

LXXXIV

E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
Emquanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em pratica fallando,
Louvavão muito o estomago da gente,
Que tantos céos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que é tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledó aspeito
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pôde ter subido pensamento

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas, se lh'o o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E, se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse, e nas aguas se escondia
O filho de Latona: e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra, que buscavão;
E assi ledos a noite festejavão.

XC.

Não faltão ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o céo ferião,
Instrumentos altisonos tangião.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se alevanta ao céo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.

XCH.

Mas já o céo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Lão-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flôres da terra em frio orvalho;
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

XCHI.

Vião-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda:
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustrão os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem corôa verdadeira.

XCIV.

Um batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores,
Na cabeça uma fota guarneçada,
De ouro, e de séda, e de algodão tecida

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada:
Um collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada:
C'um resplendor reluze adamantino
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, emfim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com um redondo amparo alto de seda,
N'uma alta e dourada hastea enxerido,
Um ministro á solar quentura veda,
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na prôa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano
(Mas franceza era a roupa, que vestia)
De setim da adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto préza:

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o sol reluzindo a vista céga:
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, e achega:
Ao italico modo a aurea espada:
Pluma na gôrra, um pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje differente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavão
Os animos alegres, resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavão,
Os tôldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavão,
Com as nuvens de fumo o sol tomando,
Amiudão-se os brados accendidos,
Tapão co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'umas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o, que de seus reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lh'ó pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente lusitana, sem que a visse;
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E, como por toda Africa se sôa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizerão,
Quando nella ganhárão a corôa
Do reino, onde as Hesperidas vivêrão:
E com muitas palavras apregôa
O menos, que os de Luso merecêrão,
E o mais, que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

O' tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade
Dos mares exp'rimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o céo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o, que nós outros não podemos.

CV.

Tu só, de todos, quantos queima Apollo,
 Nos recebes em paz, do mar profundo:
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio açhamos bom, fido, e jocundo:
 Emquanto apascentar o largo pólo
 As estrellas, e o sol dér lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria
 Viveráõ teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja:
 Vão as náos uma e uma rodeando;
 Porque de todas tudo note, e veja:
 Mas para o céo Vulcano fuzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangião,
 Co'os anafis os Móuros respondião.

CVII.

Mas, depois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto, e ancorado
 N'agua o batel ligeiro, que os levava;
 Por fallar de vagar co'o forte Gama
 Nas cousas, de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do mundo, onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antiga geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo;
Que, sem sabê-las, sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado:
Conta; que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo sol, da fria aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o, que contares ;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares ?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol , para julgares ,
Que os Melindanos tem tão rudo peito ,
Que não estimem muito um grande feito.

CXII.

Commettêrão soberbos os gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro :
Tentou Piríthoo , e Théseo, de ignorantes ,
O reino de Plutão horrendo e escuro :
Se houve feitos no mundo tão possantes ,
Não menos é trabalho illustre e duro ,
Quanto foi commetter inferno, e céo ,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana ,
Do subtil Ctesiphonio fabricado ,
Herostrato , por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado :
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado ,
Mais razão ha , que queira eterna gloria ,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS
LUSIADAS

CANTO III

OS LUSIADAS.



CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O, que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto, e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orphêo pariste, oh linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana;
Que veja, e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana:
Deixa as flôres de Pindo; que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana,
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O, que o sublime Gama contaria ;
Quando, depois de um pouco estar cuidando ,
Alevantando o rosto, assi dizia :
Mandas-me, oh Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia :
Não me mandas contar estranha historia ,
Mas mandas-me louvãr dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio ,
Cousa é, que se costuma, e se deseja :
Mas louvar os meus proprios, arreceio ,
Que louvor tão suspeito mal me esteja :
E, para dizer tudo, temo, e creio ,
Que qualquer longo tempo curto seja :
Mas, pois o mandas, tudo se te deve ;
Irei contra o, que devo, e serei breve.

V.

Além disso, o que a tudo emfim me obriga ,
E' não poder mentir no, que disser ;
Porque de feitos taes, por mais que diga ,
Mais me ha de ficar inda por dizer :
Mas, porque nisto a ordem leve, e siga ,
Segundo o que desejas de saber ,
Primeiro tratarei da larga terra ,
Depois direi da sanguinosa guerra

VI.

Entre a zona, que o Cancro senhorêa,
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecêa
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodêa
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela austral o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte, donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagòa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que féro e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais, que a memoria, o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do pólo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sòpros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antigamente grande guerra
 Tiverão sobre a humana antiguidade
 Co'os, que tinham então a Egypcia terra:
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno o perguntára.

X.

Agora nestas partes se nomêa
 A Lappia fria, a inculta Noroéga,
 Escandinavia ilha, que se arrêa
 Das victorias, que Italia não lhe nega:
 Aqui, emquanto as aguas não refrêa
 O congelado inverno, se navega
 Um braço do sarmatico Oceano
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo, e na montanha
 Hircinia os Marcomanos são Polonios.
 Sujeitos ao imperio de Allemanha
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do féro Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o céu penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações varias sujeitou,
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade:
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI.

Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os Cesáreos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana, e Rhódano é regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantão, que, segundo
Antiguidades contão, quando ardêrão,
Rios de ouro, e de prata então corrêrão.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida, que é melhor.

XIX.

Tem o Tarragonéz, que se fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta,
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já forão contra a gente Mahometa:
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Este quiz o Ceo justo, que floresça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta é a ditosa patria minha amada,
 Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
 Torne com esta empreza já acabada;
 Acabe-se esta luz ali comigo.
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos forão, parece, ou companheiros,
 E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
 Se vê, que de homem forte os feitos teve,
 Cuja fama ninguem virá, que dome;
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta o velho, que os filhos proprios come,
 Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
 Veio a fazer no mundo tanta parte,
 Creando-a reino illustre, e foi desta arte.

XXIII.

Um Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguinas, força, e manha,
 A muitos fez perder a vida, e a terra:
 Voando deste Rei a fama estranha
 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
 Muitos, para na guerra esclarecer-se,
 Vinhão a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'um amor intrinseco accendidos
Da Fé mais, que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares,
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostrárão nas armas singulares,
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de um Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhana, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deos em tempo breve
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea sobjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudarão,
Para seus senhorios se tornárão.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deu, a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta, que a mãe tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era;
Porque para casar seu pai lhas déra.

XXX.

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avò tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte;
Que a mãe com seu marido as manda, e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito, que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

O' Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos propios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea;
Olhai, que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cubiça fea,
São as causas deste erro principais:
Scylla por uma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padraсто, e da iniqua mãe levava:
Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudéra ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhana já aguardava,
Que o principe a seu mando submettido
Lhe dêsse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos, e excellentes
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,
 Nellas sós exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algôz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Põe no cepo a garganta, e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido;
 Tal diante do Principe indignado
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde emfim, que a ira, a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
 De vassallo, que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que, mil vezes dizendo, suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezara,
 Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso :
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o ceo regia ;
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que para um só cem Mouros haveria :
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter um tamanho ajuntamento ;
Que para um cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama :
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudarão,
E as que o Thermodonte já gostarão.

XLV.

A matutina luz serena , e fria
As estrellas do polo já apartava ,
Quando na Cruz o Filho de Maria ,
Amostrando-se a Afonso , o animava .
Elle , adorando quem lhe apparecia ,
Na Fé todo inflammado , assi gritava :
Aos infieis , Senhor , aos infieis ,
E não a mi , que creio o , que podeis !

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados , levantavão
Por seu Rei natural este excellente
Principe , que do peito tanto amavão :
E diante do exercito potente
Dos inimigos , gritando o ceo tocavão ,
Dizendo em alta voz : « Real , Real ,
Por Afonso alto Rei de Portugal . »

XLVII.

Qual co'os gritos , e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloso ,
Contra o touro remette , que fiado
Na força está do corno temeroso :
Ora pega na orelha , ora no lado ,
Latindo , mais ligeiro , que forçoso ;
Até que emfim , rompendo-lhe a garganta ,
Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago, accendido
 Por Deos, e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette apercebido
 Co'o animoso exercito rompente:
 Levantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocão á arma, ferve a gente,
 As lanças e arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateadada
 Foi nos aridos campos, (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co'o vento, o secco mato vai queimando:
 A pastoral campanha, que deitada
 Co'o doce somno estava; despertando
 Ao estridor do fogo, que se atêa,
 Recolhe o fato, e foge para a aldêa:

L.

Dest'arte o Mouro attonito, e torvado,
 Toma sem tento as armas mui de pressa:
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
 Uns cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Ali se vêm encontros temerosos ,
Para se desfazer uma alta serra ;
E os animaes correndo furiosos ,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra :
Golpes se dão medonhos , e forçosos ,
Por toda a parte andava accesa a guerra :
Mas o de Luso, arnez , couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle, de quem foi favorecido :
Em cada um dos cinco cinco pinta ;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço,
Cintra, onde as Naiâdes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta erão partidos:
Entrando a bocca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte emfim tomada se rendeu,
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceu
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados,
E emfim co'o Betis tanto alguns pudérão,
Que á terra de Vandalia nome dérão.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto vòa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde sôa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavão, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Afamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as aguas nitidas de argento
 Vem sustentar de longo a terra, e a gente
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantão nobremente,
 Obedeceu por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Afonso, que não sabe socegar,
 Por estender co'a fama a carta vida:
 Não se lhe póde muito sustentar
 A cidade; mas, sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmellá,
 E a piscosa Cesimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata um exercito potente:
 Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
 Que a soccorrè-la vinha diligente
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumerados peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro
Co'os ciúmes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltèa o descuidado caminhante :

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
D'um panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura,
Sendo estes, que fizerão tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai a Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle, que o merece;
 Ou, para que se emende, ás vezes tarda;
 Ou por segredos, que homem não conhece:
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos, a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe, que estava presa;

LXX.

Que estando na cidade, que cercára,
 Cercado nella foi dos Leonezes;
 Porque a conquista della lhe tomára,
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes;
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 Á batalha, onde foi vencido, e preso.

LXXI.

O' famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina,
 Nem ver que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victoria dina;
 Posto que o frio Phasis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Posto que a rica Arabia, e que os feroces
 Heniochos, e Colchos, cuja fama
 O véo dourado estende, e os Cappadoces,
 E Judea, que um Deos adora e ama;
 E que os molles Sophenes, e os atroces
 Cilicios, com a Armenia, que derrama
 As aguas dos dous rios, cuja fonte
 Está n'outro mais alto, e sancto monte :

LXXIII.

E posto emfim que desd'o mar de Atlante
 Até o Scythico Tauro, monte erguido,
 Já vencedor te vissem; não te espante,
 Se o campo Emathio só te vio vencido:
 Porque Afonso verás soberbo, e ovante
 Tudo render, e ser depois rendido.
 Assi o quiz o Conselho alto, celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente
 Do divino Juizo castigado:
 Depois que em Santarem soberbamente
 Em vão dos Sarracenos foi cercado,
 E depois que do martyre Vicente
 O santissimo corpo venerado
 Do Sacro promontorio conhecido
 À cidade Ulyssea foi trazido ;

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cubiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este, temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo, que deseja.
Assi estragado o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntão do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o céu:
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveu
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal,
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial :
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem ;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso :
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso :
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e accordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia ;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade ;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI.

E co'a famosa gente á guerra usada
 Vai soccorrer o filho : e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados:
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, posto em fugida:
 O Mir-almuminin só não fugio;
 Porque antes de fugir, lhe foge a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio,
 Dão louvores, e graças sem medida;
 Que em casos tão estranhos claramente
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Affonso, Principe subido:
 Quando, quem tudo emfim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido:
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido,
 E pagarão seus annos deste geito
 E triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o chorarão,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso, Afonso, os echos: mas em vão.

LXXXV.

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os, que Beja em vão cercarão,
Os golpes de seu braço em si provarão:

LXXXVI.

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava;
Foi das valentes gentes ajudado
Da germanica armada, que passava
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavão a ajudar na sancta empreza
 O rôxo Frederico, que moveu
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade, onde Christo padeceu,
 Quando Guido, co'a gente em sède accesa,
 Ao grande Saladino se rendeu
 No lugar, onde aos Mouros sobejavão
 As aguas, que os de Guido desejavão.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do sancto marte:
 Assi como a seu pai acontecêra,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado Sylves toma
 E o bravo morador destrúe, e doma.

LXXXIX.

E se tantos trophéos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra, usada aos casos de Mavorte;
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomarão;
Mas agora estruidos o pagarão.

XCI.

Morto depois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado:
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto,
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia:
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse, onde vivia:
Nem tão máo, como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannisado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos:
 Nem tinha, como Phalaris, achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o reino de altivo, e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não fôr mais, que todos, excellente:

XCIV.

Por esta causa o reino governou
 O conde Bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
 Este, que Afonso o bravo se chamou,
 Depois de ter o reino segurado,
 Em dilata-lo cuida; que em terreno
 Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera cõ'o braço, e deita fôra
 O Mouro, mal querido já de Marte:
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania com força, e bellica arte,
 E acabou de opprimir a nação forte
 Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis depois vem Diniz; que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero floresce
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes:

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Heliconas as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas depois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hesperico terreno,
Entrarão pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorrê-la.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo:
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhanao
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido uma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle, a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agazalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Depois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle, que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não fôr contigo soccorrido,
Ver-me-has delle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congela,
 Rompe toda a tardança, acude cedo
 Á miseranda gente de Castella:
 Se esse gesto, que mostras claro e ledô,
 De pai o verdadeiro amor assella,
 Acude, e corre pai; que, se não corres,
 Póde ser que não aches, quem sóccorres.

CVI.

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pai favor pedia
 Para Eneas seu filho navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que, cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados:
 Lustrá co'o Sol o arnez, a lança, a espada,
 Vão rinchando os cavallos jaezados:
 A canora trombeta embandeirada
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado,
E sómente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Emquanto não conheça, e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Saraceno:
Assi tambem com falsa conta, e nua,
À nobre terra alheia chamão sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido:
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhana, e com destreza
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retinião
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamão (segundo as leis, que ali seguião)
Uns Mafamede, e os outros Sanct-Iago:
Os feridos com grita o cêo ferião,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavão,
Quando do ferro as vidas escapavão.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente, o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reís desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto
Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo, pertinaz no antiguo rito,
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetisado,
E depois por JESU certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera, e mesquinha,
Que, depois de ser morta, foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga:
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe ali te respondião
As lembranças, que na alma lhe moravão,
Que sempre até seus olhos te trazião,
Quando dos teus formosos se apartavão,
De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos, que voavão:
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina ;
 Por lhe tirar o filho, que tem preso,
 Credo co'o sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio, que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV.

Trazião-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo com falsas, e ferozes
 Razões á morte crua o persuade.
 Ella com tristes, e piedosas vozes,
 Sahidas só da magoa, e saudade
 Do seu Principe, e filhos, que deixava,
 Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos:
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
 Cuja orphandade como mõi temia,
 Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostrarão,
E co'os irmãos, que Roma edificarão:

CXXVII.

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perde-la, não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me, onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei,
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Ali co' o amor intrinseco, e vontade
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas, que aqui viste;
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras, que o magoão;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdão:
 Arrancão das espadas de aço fino
 Os, que por bom tal feito ali apregoão.
 Contra uma dama, ó peitos carniceros,
 Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha;
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura,
 Longo tempo chorando, memorarão;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformarão:
 O nome lhe puzerão, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que ali passarão.
 Vede que fresca fonte rega as flores;
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correu muito tempo, que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas;
 Que, em tomando do reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas:
 Do outro Pedro cruissimo os alcança;
 Que ambos, inimigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro e injusto,
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este castigador foi rigoroso
 De latrocínios, mortes, e adulterios:
 Fazer nos máos cruezas, fero e iroso
 Erão os seus mais certos refrigerios:
 As cidades guardando justiçaoso
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões, castigando, á morte deu,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que, vindo o Castelhana devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado,
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'um falso parecer mal entendido:
Ou foi, que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco, e bem parece;
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiverão sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que forão roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruiu
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois, se os peitos fortes enfraquece
 Um inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado:
 De Marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanto a Cleopátra affeigoado:
 Tu tambem, Pæno prospero, o sentiste,
 Depois, que uma moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
 Dos laços, que amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, é o alabastro transparente?
 Quem de uma peregrina formosura,
 De um vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXLIH.

Quem vio um olhar seguro, um gesto brando,
 Una suave, e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes, tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o ulgaria.

OS

LUSIADAS

CANTO IV

OS LUSIADAS.



CANTO QUARTO.

I.

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando falleceu;

II.

Porque se muito os nossos desejárão,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitárão
Do descuido remisso de Fernando;
Depois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos céos divina,
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de uma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou:
 E como cousa emfim, que o céo destina,
 No berço o corpo, e a voz alevantou:
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV.

Alteradas então do reino as gentes
 Co' o odio, que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, e evidentes
 Faz do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vão amigos, e parentes
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonestas
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle emfim, com causa deshonorado,
 Diante della a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado;
 Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
 Quem, como Astyanax, precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
 A quem ordens, nem aras, nem respeito:
 Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruizas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhana está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh' o concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo
Ganhárão do tyranno e Mauro estado.
Não estimão das armas o perigo
Os, que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as aguas lavão.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavão,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledó,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O' sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
Áquelles, cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscoa, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negão o Rei, e a patria, e se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos, que tem.

XIV

Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como da gente illustre Portugueza
 Ha de haver, quem refuse o Patrio marte?
 Como desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir, quem negue ter defesa,
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhuma respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes
 Vencêrão esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Puzerão em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos, afóra a presa, que tiverão?

XVII.

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados
 Fernando em tal fraqueza assi vos pôz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se é certo, que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o, que quizerdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto emfim vós não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes;
Atai as mãos a vosso vão receio;
Que eu só resistirei ao jugo alheio:

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós n gada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei fôrem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar quasi movidos
À fortuna das gentes Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada, jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, emquanto a vida
Os não deixar, ou nellas fôr perdida:

XXI.

Desta arte a gente fôrça, e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando á bocca aberta:
« Viva o famoso Rei, que nos liberta. »

XXII.

Das gentes populares, uns approvão
A guerra, com que a patria se sostinha:
Uns as armas alimpão, e renovão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,
Capacetes estofão, peitos provão,
Arma-se cada um, como convinha:
Outros fazem vestidos de mil côres
Com letras e tenções de seus amores

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o féro Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro também famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e regè-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavão pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegão as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores,
 Alferezes volteão as bandeiras,
 Que variadas são de muitas côres.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores,
 Entra em Astrea o Sol no mez de Agosto,
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deu signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
 Ouvio-o o monte Aitábro, e Guadiana
 Atrás tornou as ondas de medroso:
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,
 Correu ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mãis, que o som terribil escuitarão,
 Aos peitos os filhinhos apertarão.

XXIX.

Quantos rostos ali se vem sem côr;
 Que ao coração acode o sangue amigo;
 Que nos perigos grandes o temor
 É maior muitas vezes, que o perigo,
 E se o não é, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir, que é perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala,
Derriba, e encontra, e a terra enfim semêa
Dos que a tanto desejão, sendo alheá.

XXXI.

Já pelo espêssô ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôão:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalllos treme a terra, os valles sôão:
Espedação-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atrôão:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do féro Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis ali seus irmãos contra elle vão:
(Caso feio e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas pátrias com profano
 Coração vos fizestes inimigos,
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos;
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está ali Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão,
 Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso
 Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com tôrva vista os vê; mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê; mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrescem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio: ali perecem
 Alguns dos seus; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sintio que, emquanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lh'os furtára:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atrôa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vêdes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos côrro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançárão o ultimo suspiro:

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas.

XL.

A muitos mandão ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre ali de Sant-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passão deste mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
A multidão da gente, que perece,
Tem as flôres da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas: já fallece
O furor, e sobejão as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficárão, e o temor
Lhe dá não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo:
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria:
Com offertas depois, e romarias
As graças deu, a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despòjo, e o vencimento:
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Derão os vencedores aos vencidos,
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Às duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já, a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides pôz a extrema meta:
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais, que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo, que ficou na summa alteza:
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co'a tristeza.
 Quem vio sempre um estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste reino, e neste Rei
 Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que, por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregava:
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem, que o seu, respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se convida:
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro ,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia ,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria ,
Fôra por certo invicto cavalleiro ,
Se não quizera ir ver a terra Iberia :
Mas Africa dirá, ser impossibil ,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pôde colher as maçãs de ouro ,
Que somente o Tyrinthio colher pode :
Do jugo, que lhe pôz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode :
Na fronte a palma leva , e o verde louro
Das victorias do barbaro , que acode
A defender Alcacer , forte villa ,
Tangere populoso , e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas emfim por força entradas ,
Os muros abaixarão de diamante
Às Portuguezas forças , costumadas
A derribarem , quanto achão diante :
Maravilhas em armas estremadas ,
E de escriptura dignas elegante ,
Fizerão cavalleiros nesta empreza ,
Mais affinando a fama Portugueza

LVII.

Porêm depois tocado de ambição,
 E gloria de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão
 Sobre o potente reino de Castella:
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberbas e varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Pyreneu;
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceu

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne, e logo ordena
 De ir ajudar o pai ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena:
 Sahio-se emfim do trance perigoso
 Com fronte não torvada, mas serena,
 Desbaratado o pai sanguinolento;
 Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo um dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles, que Cesar matárão,
 Nos Philippicos campos se vingárão.

LX.

Porêm, depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Céu sereno,
O Príncipe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno:
Este, por haver fama sempiterna,
Mais, do que tentar pode homem terreno,
Tentou; que foi buscar da rôxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passarão
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcarão,
Onde já foi Parthénope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostrarão,
Fazendo-a a varias gentes subjugada;
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegão:
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
E dalli ás ribeiras altas chegão,
Que co'a morte de Magno são famosas:
Vão a Memphis, e ás terras, que se regão
Das enchentes Niloticas undosas:
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passão também as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náó passou :
Ficão-lhe atraz as serras Nabatheas ,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou :
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.

LXIV.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria :
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura ,
Que as fontes, onde nascem, tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

LXV.

Virão gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia :
Lá morrêrão emfim, e lá ficarão ;
Que á desejada patria não tornarão.

LXVI.

Parece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveu
A subidos, e illustres movimentos :
Manoel, que a Joanne succedeu
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficára
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado : No tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidão, quando cahem ;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração ;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera :
E lá bem junto, donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendêra,
Vio de antiquos, longinquos, e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavão :
Mil arvores silvestres, e hervas varias
O passo, e o trato ás gentes atalhavão.
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravão,
Que, desde Adão peccou aos nossos annos,
Não as rompêrão nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha, que sahião,
Par'elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos parecião,
De aspecto, inda que agreste, venerando :
Das pontas dos cabellos lhe cahião
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A côr da pelle baça e denegrada,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Um delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia, que doutra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos, e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos, que é tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos comtudo dura guerra:
Mas, insistindo tu; por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desaparecem n'um momento :
Acorda Manoel c'um novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Phebo o claro manto
Pelo. escuro hemispherio somnolento,
Veio a manhã no céu pintando as côres
De pudibunda rosa, e róxas flôres.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão,
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração.
Determinão o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se pozesse o, que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia:
Não sei, por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal, que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas;
Que é um mando nos Reis, que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcanção com trabalho, e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida, que se perde, e que periga;
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, e esclarecido,
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais; mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
E' tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer emfim ás sombras vãs, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava:
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o espirito, e carne é pronta,

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor, e d'amizade,
Não menos cubiçoso de honra, e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia, e de conselho,
D'experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Forão de Manoel remunerados;
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi forão os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica náó, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo
(Onde o licôr mistura, e branca arêa
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrêa
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima, e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
De varias côres vêm, e varias artes,
E não menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondêão os aerios standartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Depois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimo-nos assi do sancto templo,
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo
 Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia
 (Uns per amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sómente) concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso
 Por perdidos as gentes nos julgavão,
 As mulheres c'um chôro piedoso,
 Os homens com suspiros, que arrancavão:
 Mães, esposas, irmãs (que o temeroso
 Amor mais desconfia) accrescentavão
 A desesperação, e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabelo: O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor, que viver possa;
Por que is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis, que com as vélas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras, que dizião,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguião,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca arêa as lagrimas banhavão,
Que em multidão com ellas se igualavão.

XCIII.

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

XCIV.

Mas um velho d'aspecto venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vãa cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atença
C'uma aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas!

XCVI.

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamão-te fama, e gloria soberana,
Nomes, com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu, geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te pôz neste desterro, e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia:
 Já que á bruta crueza, e feridade
 Puzeste nome, esforço, e valentia:
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada; pois que já
 Temeu tanto perdê-la, quem a dá:

C.

Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras, e riqueza mais desejas?
 Não é elle por armas esforçado,
 Se queres por victoria ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovôe o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
 Buscas o incerto, e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga copia,
 Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

CII.

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela pôz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do céo
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonnas: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Promotheu,
E quanto para o mundo menos damno,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV.

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vasio
O grande architector, co' o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!



OS

LUSIADAS

CANTO V

OS LUSIADAS.



CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como é já no mar costume usado,
A véla desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo: Boa viagem; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavão :
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavão :
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavão :
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim, que mar, e céo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio :
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra, que Anthêo n'um tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredos assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama :
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajão, quantas Venus ama ;
Antes, sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massylia a esteril costa ,
Onde seu gado os Azenegues pastão ,
Gente , que as frescas aguas nunca gosta ,
Nem as hervas do campo bem lhe abastão ,
A terra a nenhum fructo emfim disposta ,
Onde as aves no ventre o ferro gastão ,
Padecendo de tudo extrema inopia ,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passámos o limite , aonde chega
O Sol , que para o Norte os carros guia ,
Onde jazem os povos , a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia :
Aqui gentes estranhas lava , e rega
Do negro Sanagá a corrente fria ,
Onde o cabo Arsinario o nome perde ,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde .

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas ,
Que tiverão por nome Fortunadas ,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio , Hesperidas chamadas ,
Terras por onde novas maravilhas
Andarão vendo já nossas armadas :
Ali tomámos porto com bom vento ,
Por tómarmos da terra mantimento .

IX.

Àquella ilha aportámos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanct-Iago,
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano, e assi deixámos
 A terra, onde o refresco doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente,
 A provincia Jalofo, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, (por cuja arte
 Lográmos o metal rico e luzente)
 Que do curvo Gambèa as aguas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe:

XI.

As Dórcadas passámos, povoadas
 Das irmãas, que outro tempo ali vivião,
 Que, de vista total sendo privadas,
 Todas tres d'um só olho se servião:
 Tu só, tu cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas aguas accendião,
 Tornada já de todas a mais fèa,
 De viboras encheste a ardente arêa.

XII.

Sempre emfim para o Austro a aguda prôa,
No grandissimo golfão nos mettêmos,
Deixando a serra asperrima Leôa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome démos:
O grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
O nome d'um, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto:
Por este largo mar emfim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernros fazendo, e dous verões,
Emquanto corre d'um ao outro polo:
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem;
Não menos é trabalho, que grande erro.
Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os, que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgão por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo ,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo ,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se :
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia :
Da materia das nuvens parecia.

XX.

Ia-se pouco e pouco accrescentando ,
E mais, que um largo mastro, se engrossava :
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava :
Estava-se co'as ondas ondeando ,
Emcima delle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Ali se enche, e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII.

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim vôou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejão agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII.

Se os antigos philosophos, que andárão
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passárão,
A tão diversos ventos dando as vélas:
Que grandes escripturas que deixárão!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea um marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergámos:
As ancoras pesadas se adereção,
As vélas já chegados amainámos:
E para que mais certas se conheção
As partes tão remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia; por vermos, em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
 Do Semicapro peixe a grande meta,
 Estando entre elle, e o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta.
 Eis de meus companheiros rodeado,
 Vejo um estranho vir de pelle preta,
 Que tomárão por força, emquanto apanha
 De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle,
 Que não se vira nunca em tal extremo,
 Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
 Selvagem mais, que o bruto Polyphemo:
 Começo-lhe a mostrar da rica pelle
 De Colchos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaria:
 A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
 Contas de erystallino transparente,
 Alguns soantes cascaveis pequenos,
 Um barrete vermelho, côr contente.
 Vi logo por signaes e por acenos,
 Que com isto se alegra grandemente:
 Mandø-o soltar com tudo, e assi caminha
 Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nós, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem, que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi de pressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Ethiope ousado se arremessa
A elle; porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse:
Acudo eu logo; e, emquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não forão ao vento em vão deitadas;
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeito,
Que a côr vermelha levão desta feita.

XXXIV.

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fèa, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a véla.

XXXV.

Disse então a Velloso um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir.
Se é, responde o ousado aventureiro:
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, de pressa um pouco vim;
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que, tanto que passarão
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o não deixarão,
Querendo, se não torna, ali mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscarão;
Porque, sahindo nós para toma-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco soes erão passados,
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que pôz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
O' Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX.

Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida;
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A bocca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo:
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceu sahir do mar profundo:
 Arrepião-se as carnes e o cabello
 A mi, e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

XLI.

E disse: O' gente ousada mais, que quantas
 No mundo commettêrão grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
 Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que, quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio, summa vingança:
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se é verdade o, que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos trophéos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quíloa com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos;
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos:
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII.

E verãe mais os olhos, que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacabil espessura:
 Ali, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dõr, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado.
 A bocca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pezada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezara:

I.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio,
 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passarão, fui notorio:
 Aqui toda Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o lado Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra ,
Qual Encélado, Egeio, e o Centimano :
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o, que vibra os raios de Vulcano :
Não que puzesse serra sobre serra :
Mas, conquistando as ondas do Oceano ,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza ,
Todas as deosas desprezei do céo ,
Só por amar das aguas a princeza :
Um dia a vi co'as filhas de Nereo
Sahir nua na praia ; e logo preza
A vontade senti de tal maneira ,
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

LIII.

Como fosse impossivel abraça-la
Pela grandeza fêa de meu gesto ,
Determinei por armas de toma-la ,
E a Doris este caso manifesto :
De medo a deosa então por mi lhe falla ;
Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeo : qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante ?

LIV.

Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Enchêrão-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços para aquella, que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

LVII.

O' nympha a mais formosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 Daqui me parto irado, e quasi insano
 Da magoa, e da deshonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse,
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Erão já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E como contra o céo não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo
 Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizerão,
 Estes membros, que vês, e esta figura
 Por estas longas aguas se estendêrão:
 Emfim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo convertêrão
 Os deoses; e, por mais dobradas magoas,
 Me anda Thetis cercando destas aguas.

LX.

Assi contava, e c'um medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou:
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon, e Pyrôis vinhão tirando,
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente, que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes erão,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vierão,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavão, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem emcima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratarão,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros
A troco d'outras peças, que levárão:
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançárão,
Que desse algum signal do, que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
A' costa negra de Africa, e tornava
A prôa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antartico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e, descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar um tempo andámos em porfias;
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da perfia
Em que co' o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Forão buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós da mesma já contada gente
N'um largo rio, ao qual o nome demos
Do dia, em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos,
 E do rio fresca agua; mas comtudo
 Nenhum signal aqui da India achámos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora, quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas, e por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e máos ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento,
 Que sequer da esperanza fosse engano:
 Crês, tu, que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fôra Lusitano,
 Que durára elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crès, tu, que já não forão levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados:
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto emfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada:
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo, o leve leme
Encommendado ao sacro Nicoláo,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A prôa inclina d'uma, e d'outra náó:
Quando indo o coração, que espera, e teme,
E que tanto fiou d'um fraco páo,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que, estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se vião,
 N'um rio, que ali sahe ao mar aberto,
 Bateis á véla entravão, e sahião.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos já pessoas, que sabião
 Navegar; porque entr'ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece,
 Que com gente melhor communicavão:
 Palavra alguma Arabica se conhece
 Entre a linguagem sua, que fallavão:
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavão,
 Com outro, que de tinta azul se tinge,
 Cada um as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal fallão,
 E que Fernão Martins mui bem entende,
 Dizem, que por náos, que em grandeza igualão
 As nossas, o seu mar se corta e fende:
 Mas que lá, donde sahe o Sol, se abalão
 Para onde a costa ao Sul se alarga, e estende,
 E do Sul para o Sol; terra, onde havia
 Gente, assi como nós, da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais :
Pelos signaes , que neste rio achámos ,
O nome lhe ficou dos Bons-Signaes :
Um padrão nesta terra alevantámos ;
Que para assignalar lugares taes
Trazia alguns , o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos , cascas , e d'ostrinhos ,
Nojosa criação das aguas fundas ,
Alimpámos as náos , que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas .
Dos hospedes , que tinhamos vizinhos ,
Com mostras apraziveis e jucundas
Houvemos sempre o usado mantimento ,
Limpos de todo o falso pensamento .

LXXX.

Mas não foi da esperança grande e immensa ,
Que nesta terra havemos , limpa e pura
A alegria ; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura .
Assi no ceo sereno se dispensa :
Com esta condição pesada e dura
Nascemos : o pezar terá firmeza ,
Mas o bem logo muda a natureza .

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia
 A mais, que eu nunca vi, desampararão
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultarão.
 Quem haverá que, sem o ver, o creia?
 Que tão disformemente ali lhe incharão
 As gengivas na bocca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia:

LXXXII.

Apodrecia c'um fetido e bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionava:
 Não tínhamos ali medico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava;
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne já podre assi cortava,
 Como se fôra morta, e bem convinha;
 Pois que morto ficava quem a tinha,

LXXXIII.

Emfim que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminho, e em tanta desventura
 Forão sempre comnosco aventureiros.
 Quão facil é ao corpo a sepultura!
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos,

LXXXIV.

Assi que, deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza, .
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza :
Na dura Moçambique emfim surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento
Dará saude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vê-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo, quanto me pediste.

LXXXVI.

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês, tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse, que bebeu tanto da agua Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina
 Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
 Athenas, Ios, Argo, e Salamina:
 Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz altisona e divina,
 Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevão sempre extremos
 Desses seus semideoses, e encareção,
 Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
 Sirenas, que co'o canto os adormeção:
 Dêm-lhe mais navegar á vela e remos
 Os Cicones, e a terra, onde se esqueção
 Os companheiros, em gostando o loto:
 Dêm-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjão, e imaginem
 Dos odres, e Calypsos namoradas,
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
 Descer ás sombras nuas já passadas;
 Que, por muito, e por muito que se afinem
 Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
 A verdade, que eu conto nua e pura,
 Vençe toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da bocca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual, que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as redeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços,
E El-Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce é o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados:
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados:
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII.

Não tinha emtanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto, de quem o canta, os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos
Themistocles despertão só de inveja,
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a voz, que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si: mas aquelle Heróe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana; faz, que sôe
Eneas, e a Romana gloria vòe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos, e venustos:
Não dirá Fulvia certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas, n'uma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
É nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Emfim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso, e rima;
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem:

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tágides gentis, e seu respeito:
Porêm não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço, e sua valia.

OS

LUSIADAS

CANTO VI

SECRET

1950

OS LUSIADAS.



CANTO SEXTO.

I.

Não sabia, em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes;
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
Pêza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

II.

Com jogos, dansas, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre, e engana,
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados,

III.

Mas vendo o capitão, que se detinha
 Já mais, do que devia, e o fresco vento
 O convida, que parta, e tome azinha
 Os pilotos da terra, e mantimento;
 Não se quer mais deter; que ainda tinha
 Muito para cortar do salso argento:
 Já do Pagão benigno se despede,
 Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado;
 Que nenhum outro bem maior deseja,
 Que dar a taes barões seu reino e estado:
 E que, enquanto seu corpo o espirito reja,
 Estará de contino aparelhado
 A pôr a vida, e reino totalmente
 Por tão bom rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
 O Capitão, e logo, as velas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já, que vai buscando.
 No piloto, que leva, não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa; e assi caminha
 Já mais seguro, do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavão do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavão
Os thalamos do Sol, que nasce ardente:
Já quasi seus desejos se acabavão.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavão
À gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o céo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no póde estorvar; que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce emfim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido reino, e vai-se á côrte
Daquelle, a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e morão as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixão ás cidades,
Que habitão estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina,
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se é crystal o, que vê, se diamante;
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pasce:
E vê primeiro em côres variadas
Do velhó chaos a tão confusa face:
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI.

Ali sublime o fogo estava emcima,
Que em nenhuma materia se sustinha,
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais azinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a terra em montes revestida
 De verdes hervas, e arvores floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 Às alimarias nella produzidas:
 A clara fórma ali estava esculpida
 Das Aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos:

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra,
 Que tiverão os deoses co'os gigantes,
 Está Typhéo debaixo da alta serra
 De Ethna, que as flammæ lança crepitantes:
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houverão, e a primeira
 De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas cousas; mas, entrando
 Nos paços de Neptuno, que, avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando,
 Às portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas, que se estão maravilhando
 De ver que, commettendo tal caminho,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho:

XV.

Ô Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Oução todos o mal, que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitão d'uma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conhecêrão:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que ali se gerão:
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nú, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento:
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Às costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerára:
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protèo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Ali veio tambem; mas já sabia
O, que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não é para esconder-se:

XXII.

Amphitrite, formosa como as flôres,
Neste caso não quiz que fallecesse,
O delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse:
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'um marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela arêa
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o fêo engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
 D'um polo ao outro polo o mar irado,
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas;
 Que não passem o termo limitado:
 E tu, padre Oceano, que rodeas
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto assi permittes,
 Que dentro vivão só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer, que por elle corra, e ande:
 Que descuido foi este, em que viveis?
 Quem pode ser, que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX.

Vistes, que com grandissima ousadia
 Forão já commetter o céo supremo:
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela, e remo:
 Vistes, e ainda vemos cada dia
 Soberbas, e insolencias taes, que temo,
 Que do mar e do ceo em poucos annos
 Venhão deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vêdes agora a fraca geração,
Que d'um vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vêdes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contrá os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do ceo descí,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados, que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores, que nunca, determinão
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão
O mal tambem a deoses, que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por vêr o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e não passou daqui;
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'um ponto,
Não soffreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandão já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro ali Proteo
Dizer neste negocio o, que sentia,
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII.

Já lá o soberbo Hyppótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava;
Que os ventos mais, que nunca, impetuosos
Começão novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Emquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota,
Os do quarto da prima se deitavão,
Para o segundo os outros despertavão.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
 Bocejando a miude se encostavão
 Pelas antenas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares, que assopravão:
 Os olhos contra seu querer abertos,
 Mas esfregando, os membros estiravão:
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, um dizia,
 Este tempo passar, que é tão pesado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado?
 Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 Que contos poderemos ter melhores,
 Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não é, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra férvida, e robusta
 A nossa historia seja; pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
 Que o trabalho por vir m'ó está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendão
A Velloso, que conte isto, que approva.
Contarei, disse, sem que me reprehão
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os, que me ouvirem, daqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava:
Depois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
E nobres cortezãos acaso um dia
Se levantou Discórdia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco peza
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV.

E que, se houver alguém, com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes;
Socorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos; não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem:
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer, que em socorro os deoses levem
De todo o ceo, por rostos de alabastro;
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra experimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este , que soccorrer-lhe não queria ,
Por não causar discordias intestinas ,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas ,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia ,
Tanto primor , e partes tão divinas ,
Que elles sós poderião , se não erro ,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro .

XLIX.

E se , aggravadas damas , sois servidas ,
Por vós lhe mandarei embaixadores ,
Que por cartas discretas , e polidas
De vosso agravo os fação sabedores :
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'afagos , e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas ; que eu creio ,
Que ali tereis soccorro , e forte esteio .

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto ,
E logo lhe nomea dôze fortes :
E , porque cada dama um tenha certo ,
Lhe manda , que sobre elles lancem sortes ;
Que ellas só dôze são : e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes ,
Cada uma escreve ao seu por varios modos ,
E todas a seu Rei , e o Duque a todos .

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro ,
Toda a côrte alvoroça a novidade :
Quizera o Rei sublime ser primeiro ,
Mas não lh'o soffre a Regia magestade :
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade ,
E só fica por bemaventurado ,
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade , donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal , armar madeiro leve
Manda o , que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas , e roupas de uso mais moderno ,
De elmos , cimeiras , letras , e primores ,
Cavalllos , e concertos de mil cores.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença ,
Para partir do Douro celebrado ,
Aquelles , que escolhidos por sentença
Forão do Duque Inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro , destro , ou esforçado ;
Mas um só , que Magriço se dizia ,
Desta arte falla á forte companhia :

LIV.

Fortíssimos consocios , eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas ;
 Por ver mais aguas , que as do Douro , e Tejo ,
 Varias gentes , e leis , e varias manhas :
 Agora , que apparelho certo vejo ,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero , se me deixais , ir só por terra ;
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso fôr , que eu , impedido
 Por quem das cousas é ultima linha ,
 Não fôr comvosco ao prazo instituido ,
 Pouca falta vos faz a falta minha ;
 Todos por mi fareis o que é devido :
 Mas , se a verdade o espirito me adivinha ,
 Rios , montes , fortuna , ou sua inveja
 Não farão , que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz : e , abraçados os amigos ,
 E tomada licença , em fim se parte :
 Passa Leão , Castella , vendo antigos
 Lugares , que ganhára o patrio Marte ,
 Navarra , co'os altíssimos perigos
 Do Pyreneo , que Hespanha , e Gallia parte :
 Vistas em fim de França as cousas grandes ;
 No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Ali chegado , ou fosse caso , ou manha ,
Sem passar se deteve muitos dias :
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortão do mar do Norte as ondas frias .
Chegados de Inglaterra á costa estranha ,
Para Londres já fazem todos vias :
Do Duque são cem festa agasalhados ,
E das damas servidos , e animados .

LVIII.

Chega-se o prazo , e dia assignalado
De entrar em campo já co'os dôze Inglezes ,
Que pelo Rei já tinhamo segurado :
Armão-se d'elmos , grevas , e de arnezes :
Já as damas tem por si fulgente , e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes :
Vestem-se ellas de côres , e de sedas ,
De ouro , e de joias mil , ricas , e ledas .

LIX.

Mas aquella , a quem fôra em sorte dado
Magriço , que não vinha , com tristeza
Se veste ; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza :
Bem que os onze apregoão , que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza ,
Que as damas vencedoras se conheção ,
Posto que dous e tres dos seus falleção .

LX.

Já n'um sublime , e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte :
 Estavão tres e tres , e quatro e quatro ,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do Sol , do Tejo ao Bactro ,
 De força , esforço , e d'animo mais forte
 Outros dôze sahir , como os Inglezes ,
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigão os cavallo escumando
 Os aureos freos com feroz semblante :
 Estava o Sol nas armas rutilando ,
 Como em crystal , ou rigido diamante :
 Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
 Partido desigual , e dissonante
 Dos onze contra os dôze : quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Virão todos o rosto , aonde havia
 A causa principal do reboiço :
 Eis entra um cavalleiro , que trazia
 Armas , cavallo , ao bellico serviço :
 Ao Rei , e ás damas falla , e logo se ia
 Para os onze ; que este era o grão Magriço :
 Abraça os companheiros , como amigos ,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama , como ouvio , que este era aquelle ,
 Que vinha a defender seu nome , e fama ,
 Se alegre , e veste ali do animal de Helle ,
 Que a gente bruta mais , que virtude , ama.
 Já dão signal , e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos , que inflamma :
 Picão d' esporas , largão redeas logo ,
 Abaixão lanças , fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallo o estrepito parece ,
 Que faz , que o chão debaixo todo treme :
 O coração no peito , que estremece ,
 De quem os olha , se alvoroça , e teme :
 Qual do cavallo voa ; que não desce :
 Qual , co' o cavallo em terra dando , geme :
 Qual vermelhas as armas faz de brancas :
 Qual co' os pennachos do elmo açouta as ancas .

LXV.

Algun dali tomou perpetuo sono ,
 E fez da vida ao fim breve intervallo :
 Correndo algum cavallo vai sem dono ,
 E n' outra parte o dono sem cavallo :
 Cahe a soberba Ingleza do seu throno ;
 Que dous , ou tres já fóra vão do vallo :
 Os , que de espada vem fazer batalha ,
 Mais achão já , que arnez , escudo , e malha .

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros , cruas estocadas ,
É desses gastadores , que sabemos ,
Maos do tempo com fabulas sonhadas :
Basta por fim do caso , que entendemos ,
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a 'palma da victoria ,
E as damas vencedoras , e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os dôze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria :
Cozinheiros occupa , e caçadores
Das damas a formosa companhia ;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora , e cada dia ,
Emquanto se detem em Inglaterra ,
Até tornar á doce , e chará terra.

LXVIII.

Mas dizem , que comtudo o grão Magriço ,
Desejoso de ver as cousas grandes ,
Lá se deixou ficar , onde um serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes :
É , como quem não era já noviço
Em todo trance , onde tu Marte mandes ,
Um Francez mata em campo , que o destino
Lá teve de Torquato , e de Coryino.

LXIX.

Outro tambem dos dõze em Allemanha
Se lança , e teve um fero desafio
C'um Germano enganoso , que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso , já a companhia
Lhe pede , que não faça tal desvio
Do caso de Magriço , e vencimento ,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando ,
Eis o mestre , que olhando os ares anda ,
O apito toca ; acordão despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda :
E , porque o vento vinha refrescando ,
Os traquetes das gaveas tomar manda :
Alerta , disse , estai ; que o vento crece
Daquella nuvem negra , que apparece.

LXXI.

Não erão os traquetes bem tomados ,
Quando dá a grande , e subita procella :
Amaina , disse o mestre a grandes brados ,
Amaina , disse , amaina a grande vela.
Não esperão os ventos indignados ,
Que amainassem ; mas , juntos dando nella ,
Em pedaços a fazem c'um ruido ,
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente ,
Com subito temor , e desaccordo ;
Que, no romper da vela, a náó pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo :
Alija, disse o mestre rijamente ,
Alija tudo ao mar, não falte accordo ,
Vão outros dar á bomba não cessando :
Á bomba; que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegarão ,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão á náó , n'um bordo os derribarão :
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastarão ,
Talhas lhe punhão d'uma e d'outra parte ,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos erão taes , que não puderão
Mostrar mais força d'impeto cruel ,
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares, que crescerão ,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náó, que move espanto ,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A náó grande , em que vai Paulo da Gama ,
 Quebrado leva o mastro pelo meio ,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle, que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vão ao ar derrama
 Toda a náó de Coelho com receio ;
 Comquanto teve o mestre tanto tento ,
 Que primeiro amainou , que dêsse o vento .

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo:
 Agora a vêr , parece, que descião
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto , Austro , Boreas , Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo :
 A noite negra , e fea se allumia
 Co'os raios , em que o polo todo ardia .

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantarão ,
 Lembrando-se de seu passado pranto ,
 Que as furiosas aguas lhe causarão :
 Os delphins namorados entretanto
 Lá nas covas maritimas entrarão ,
 Fugindo a tempestade , e ventos duros ,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros .

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido , que obrou
Do enteado as armas radiantes :
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio , donde sós viverão
Os dous , que em gente as pedras converterão.

LXXIX.

Quantos montes então que derribarão
As ondas , que batião denodadas !
Quantas arvores velhas arrancarão
Do vento bravo as furias indignadas !
As forçosas raizes não cuidarão ,
Que nunca para o ceo fossem viradas ,
Nem as fundas areas , que pudessem
Tanto os mares , que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama , que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia :
Vendo ora o mar até o inferno aberto ,
Ora com nova furia ao ceo subia :
Confuso de temor , da vida incerto ,
Onde nenhum remedio lhe valia ,
Chama aquelle remedio sancto , e forte ,
Que o impossibil póde desta sorte :

LXXXI.

Divina Guarda , angelica , celeste ,
 Que os ceos , o mar , e terra senhoreas
 Tu , que a todo Israel refugio déste
 Por metade das aguas Erythreas :
 Tu , que livraste Paulo , e defendeste
 Das syrtes arenosas , e ondas feas ,
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vaçuo mundo :

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
 D'outra Scylla , e Charybdis já passados ,
 Outras syrtes , e baixos arenosos ,
 Outros Acroceraunios infamados :
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados ,
 Se este nosso trabalho não te offende ,
 Mas antes teu serviço só pretende ?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles , que puderão
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer , enquanto fortes sostiverão
 A sancta Fé nas terras Mauritanas :
 De quem feitos illustres se soberão ,
 De quem ficão memorias soberanas ,
 De quem se ganha a vida , com perdè-la ,
 Doce fazendo a morte as honras della !

LXXXIV.

Assi dizendo , os ventos , que lutavão ,
Como touros indomitos bramando ,
Mais e mais a tormenta accrescentavão ,
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavão ,
Feros trovões , que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra ,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte ,
Mensageira do dia , e visitava
A terra , e o largo mar com leda fronte :
A deosa , que nos ceos a governava ,
De quem foge o ensifero Oriente ,
Tanto que o mar , e a chara armada vira
Tocada junto foi de medo , e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo ,
Disse : mas não será , que avante leve
Tão damnada tenção ; que descoberto
Me será sempre o mal , a que se atreve :
Isto dizendo , desce ao mar aberto ,
No caminho gastando espaço breve ,
Emquanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias côres
 Sobre cabellos louros á porfia:
 Quem não dirá, que nascem rôxas flores
 Sobre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinhão, que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi: porque, tanto que chegarão
 À vista dellas, logo lhe fallecem
 As forças, com que d'antes pelejarão,
 E já como rendidos lhe obedecem:
 Os pés, e mãos, parece, que lhe atarão
 Os cabellos, que os raios escurecem.
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,
 Que me tiveste nunca amor constante;
 Que brandura é de amor mais certo arreio,
 E não convem furor a firme amante:
 Se já não pões a tanta insania freio,
 Não esperes de mi, daqui em diante
 Que possa mais amar-te, mas temer-te;
 Que amor contigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto ; que bem sabe
Que dias ha , que em vê-la se recrea ,
E bem crê , que com elle tudo acabe :
Não sabe o bravo tanto bem se o crea ;
Que o coração no peito lhe não cabe :
De contente de vêr , que a dama o manda ,
Pouco cuida que faz , se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavão
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavão ,
Amansadas as iras , e os furores :
Ella lhe prometteu , vendo que amavão ,
Sempiterno favor em seus amores ,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes , esta viagem.

XCII.

Já a manhã clara dava nos outeiros ,
Por onde o Ganges murmurando soa ,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergarão terra alta pela proa :
Já fóra de tormenta , e dos primeiros
Mares , o temor vão do peito voa :
Disse alegre o Piloto Melindano ,
« Terra é de Calecut » , se não me engano ,

XCIII.

Esta é por certo a terra , que buscaís ,
 Da verdadeira India , que apparece ;
 E , se do mundo mais não desejaís ,
 Vosso trabalho longo aqui fenece .
 Soffrer aqui não pode o Gama mais ,
 De ledo em vêr , que a terra se conhece ,
 Os gíolhos no chão , as mãos ao ceo ,
 A mercê grande a Deos agradeceo :

XCIV.

As graças a Deos dava , e razão tinha ;
 Que não sómente a terra lhe mostrava ,
 Que com tanto temor buscando vinha ,
 Por quem tanto trabalho experimentava ;
 Mas via-se livrado tão asinha .
 Da morte , que no mar lhe apparelhava ,
 O vento duro , férvido , e medonho ,
 Como quem despertou de horrendo sonho .

XCV.

Por meio destes horridos perigos ,
 Destes trabalhos graves , e temores ,
 Alcanção os , que são de fama amigos ,
 As honras immortaes , e grãos maiores :
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores ,
 Não nos leitos dourados entre os finos
 Animaes de Moscovia zebellinos .

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos ,
Não co'os passeios molles e ociosos ,
Não co'os varios deleites e infinitos ,
Que afeminão os peitos generosos :
Não co'os nunca vencidos appetitos ,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos ,
Que não soffre a nenhum , que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude :

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras , que elle chame proprias suas ,
Vigiando , e vestindo o forjado aço ,
Soffrendo tempestades , e ondas cruas ,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul , e regiões de abrigo nuas ,
Engulindo o corrupto mantimento ,
Temperado c'um arduo soffrimento :

XCVIII.

E com forçar o rosto , que se enfia ,
A parecer seguro , ledó , inteiro
Para o pelouro ardente , que assovia ,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte , o peito um callo honroso cria ,
Desprezador das honras , e dinheiro ,
Das honras , e dinheiro , que a ventura
Forjou , e não virtude justa , e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento ,
Que experiencias fazem repousado ;
E fica vendo , como de alto assento ,
O baixo trato humano embaraçado :
Este , onde tiver força o regimento
Direito , e não de affeitos occupado ,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, e não rogando.

OS
LUSIADAS

CANTO VII

OS LUSIADAS.



CANTO SEPTIMO.

I.

Já se vião chegados junto á terra ,
Que desejada já de tantos fôra ,
Que entre as correntes Indicas se encerra ,
E o Ganges , que no ceo terreno mora .
Ora sus , gente forte , que na guerra
Quereis levar a palma vencedora ,
Já sòis chegados , já tendes diante
A terra de riquezas abundante .

II.

A vós , ó geração de Luso , digo ,
Que tão pequena parte sòis no mundo ,
Não digo inda no mundo , mas no amigo
Curral , de quem governa o ceo rotundo :
Vós , a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo ,
Mas nem cobiça , ou pouca obediencia
Da Madre , que nos ceos está em essencia :

III.

Vós , Portuguezes poucos , quanto fortes ,
 Que o fraco poder vosso não pesais ;
 Vós , que á custa de vossas varias mortes
 A Lei da vida eterna dilatais :
 Assi do Ceo deitadas são as sortes ,
 Que vós , por muito poucos que sejais ,
 Muito fazeis na sancta Christandade :
 Que tanto , ó Christo , exaltas a humildade !

IV.

Vede-los Allemães , soberbo gado ,
 Que por tão largos campos se apascenta ,
 Do successor de Pedro rebellado ,
 Novo pastor , e nova seita inventa :
 Vede-lo em feás guerras occupado
 (Que inda co' o cego errôr se não contenta !)
 Não contra o superbissimo Othomano ,
 Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vede-lo duro Inglez , que se nomea
 Rei da velha e sanctissima Cidade ,
 Que o torpe Ismaelita senhora ,
 (Quem vio honra tão longe da verdade !)
 Entre as Boreaes neves se recrea ,
 Nova maneira faz de Christandade :
 Para os de Christo tem a espada nua ,
 Não por tomar a terra , que era sua.

VI.

Guarda-lhe por emtanto um falso Rei
A cidade Hierosolyma terrestre ,
Emquanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti , Gallo indigno , que direi ?
Que o nome Christianissimo quizeste ,
Não para defendê-lo , nem guarda-lo ,
Mas para ser contra elle , e derriba-lo !

VII.

Achas , que tens direito em senhorios
De Christãos , sendo o teu tão largo e tanto ,
E não contra o Cinypho e Nilo , rios
Inimigos do antigo nome santo ?
Ali se hão de provar da espada os fios ,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto :
De Carlos , de Luiz , o nome e a terra
Herdaste , e as causas não da justa guerra ?

VIII.

Pois que direi daquelles , que em delicias ,
Que o vil ocio no mundo traz consigo ,
Gastão as vidas , logrão as divicias ,
Esquecidos de seu valor antigo ?
Nascem da tyrannia inimicicias ,
Que o povo forte tem , de si inimigo :
Comtigo , Italia , fallo , já submersa
Em vicios mil , e de ti mesma adversa .

IX.

Ó miseros Christãos , pela ventura
Sôis os dentes de Cadmo desparzidos ,
Que uns aos outros se dão a morte dura ,
Sendo todos de um ventre produzidos ?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães , que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra ,
Fazendo-se famosos pela guerra ?

X.

Vedes , que tem por uso , e por decreto ,
Do qual são tão inteiros observantes ,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos , que são de Christo amantes :
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes :
Olhai , se estais seguros de perigos ;
Que elles e vós sôis vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas ,
Não vedes , que Pactolo e Hermo rios ,
Ambos volvem auríferas areas ?
Em Lydia , Assyria , lavrão de ouro os fios ,
Africa esconde em si luzentes veas :
Mova-vos já se quer riqueza tanta ;
Pois mover-vos não pôde a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções feras , e novas
De instrumentos mortaes da artilharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio , e de Turquia :
Fazei , que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes , e da Scythia fria
A Turca geração , que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos , Thraces , Armenios , Georgianos
Bradando-vos estão , que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo !):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte , e astuto ,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas emtanto que cegos , e sedentos
Andais de vosso sangue , ó gente insana ,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana :
De Africa tem maritimos assentos ,
É na Asia mais , que todas , soberana ,
Na quarta parte nova os campos ara ,
E , se mais mundo houvera , lá chegara.

XV.

E vejamos emtanto, que acontece
 Àquelles tão famosos navegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes,
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas porfias tão constantes,
 Onde vem semear de Christo a lei,
 E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegarão,
 Leves embarcações de pescadores
 Achárão, que o caminho lhe mostrarão
 De Calecut, onde erão moradores:
 Para lá logo as proas se inclinarão;
 Porque esta era a cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O Rei, que a terra toda possuia.

XVI.

Além do Indo jaz, e áquem do Gange
 Um terreno mui grande, e assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E para o Norte o Emodio cavernoso:
 Jugo de Reis diversos o constrange
 A varias leis, alguns o vicioso
 Mafoma, alguns os idolos adorão,
 Alguns os animaes, que entre elles morão.

XVIII.

Lá bem no grande monte , que , cortando
Tão larga terra , toda Asia discorre ,
Que nomes tão diversos vai tomando ,
Segundo as regiões , por onde corre ,
As fontes saem , donde vem manando
Os rios , cuja grão corrente morre
No mar Indico , e cercão todo o peso
Do terreno , fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre um e outro rio em grande espaço
Sae da larga terra uma longa ponta
Quasi pyramidal , que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta :
E junto , donde nasce o largo braço
Gangetico , o rumor antigo conta ,
Que os visinhos , da terra moradores ,
Do cheiro se mantêm das finas flôres :

XX.

Mas agora de nomes , e de usança
Novos e varios são os habitantes ,
Os Delijs , os Patânes , que em possança
De terra , e gente são mais abundantes :
Decanijs , Oriás , que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange: e a terra de Bengala ,
Fertil de sorte , que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso :
(Dizem que foi de Poro , Rei potente) :
O reino de Narsinga , poderoso
Mais de ouro e pedras , que de forte gente :
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto , que corre longamente ,
Servindo ao Malabar de forte muro ,
Com que do Canará vive seguro :

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate ,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende uma fralda estreita , que combate
Do mar a natural ferocidade :
Aqui de outras cidades , sem debate ,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica , e bella :
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio ,
Um Portuguez mandado logo parte ,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio ,
Que ali nas ondas entra , a não vista arte ,
A côr , o gesto estranho , o traje novo
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente, que a vê-lo concorria ,
Se chega um Mahometa , que nascido
Fôra na região da Berberia ,
Lá onde fôra Anteo obedecido :
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido ,
Ou foi já assignalado de seu ferro ,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto , como quem sabe a lingua Hispana ,
Lhe disse : Quem te trouxe a est'outro mundo ,
Tão longe da tua patria Lusitana ?
Abrindo , lhe responde , o mar profundo ,
Por onde nunca veio gente humana ,
Vimos buscar do Indo a grão corrente ,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro , que Monçaide se chamava ,
Ouvindo as oppressões , que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava :
Mas vendo emfim , que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava ,
Lhe diz , que estava fóra da cidade ,
Mas de caminho pouca quantidade :

XXVII.

E que , emtanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda , se queria ,
Na sua pobre casa repousasse ,
E do manjar da terra comeria :
E , depois que se um pouco recreasse ,
Com elle para a armada tornaria ;
Que alegria não pôde ser tamanha ,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez aceita de vontade
O , que o ledo Monçaide lhe offerece :
Como se longa fôra já a amizade ,
Com elle come e bebe , e lhe obedece :
Ambos se tornão logo da cidade
Para a frota , que o Mouro bem conhece ,
Sobem á capitaina , e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo ,
Ouvindo clara a lingua de Castella ,
Junto de si o assenta , e prompto e quedo ,
Pela terra pergunta , e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódopê o arvoredado ,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice , tocando a lyra de ouro ,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: O gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho
Por mares nunca d'outro lenho arados
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz; porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis é, mas d'um só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro:

XXXIII.

Porém , como a esta terra então viessem
 De lá do seio Arabico outras gentes ,
 Que o culto Mahometico trouxessem ,
 No qual me instituirão meus parentes ;
 Succedeu , que prégando convertessem
 O Perimal , de sabias e eloquentes ;
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto ,
 Que presuppôz de nella morrer santo .

XXXIV.

Nãos arma , e nellas mette curioso
 Mercadoria , que offereça , rica ;
 Para ir nellas a ser religioso ,
 Onde o propheta jaz , que a lei publica :
 Antes que parta , o reino poderoso
 Co'os seus reparte ; porque não lhe fica
 Herdeiro proprio : faz os mais aceitos
 Ricos de pobres , livres de sujeitos .

XXXV.

A um Cochim , e a outro Cananor
 A qual Chalé , a qual a ilha da Pimenta ,
 A qual Coullão , a qual dá Cranganor ,
 E os mais , a quem o mais serve , e contenta .
 Um só moço , a quem tinha muito amor ,
 Depois que tudo deu , se lhe apresenta :
 Para este Calecut sómente fica ,
 Cidade já por trato nobre , e rica :

XXXVI.

Esta lhe dá co' o titulo excellente
De Imperador , que sobre os outros mande.
Isto feito , se parte diligente
Para onde em santa vida acabe , e ande :
E daqui fica o nome de potente
Samorim mais , que todos , digno e grande ,
Ao moço , e descendentes , donde vem
Este , que agora o imperio manda , e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda , rica e pobre ,
De fabulas composta se imagina :
Andão nus , e sómente um panno cobre
As partes , que a cobrir natura ensina :
Dous modos ha de gente ; porque a nobre
Naires chamados são , e a menos dina
Poleás tem por nome , a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga :

XXXVIII.

Porque os , que usárão sempre um mesmo officio ,
D'outro não podem receber consorte ,
Nem os filhos terão outro exercicio ,
Senão o de seus passados , até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
Destes serem tocados , de tal sorte ,
Que , quando algum se toca por ventura ,
Com ceremonias mil se alimpa , e apura .

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
 Não tocava na gente de Samária :
 Mais estranhezas inda das , que digo ,
 Nesta terra vereis de usança varia :
 Os Naires sós são dados ao perigo
 Das armas , sós defendem da contraria
 Banda o seu Rei , trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga , e na direita a espada.

XL.

Brahmenes são os seus religiosos,
 Nome antigo , e de grande preeminencia :
 Observão os preceitos tão famosos
 D'um , que primeiro pôz nome á sciencia :
 Não matão cousa viva , e temerosos,
 Das carnes tem grandissima abstinencia :
 Sómente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença , e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres , mas sómente
 Para os da geração de seus maridos :
 Ditosa condição , ditosa gente ,
 Que não são de ciumes offendidos !
 Estes , e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admittidos :
 A terra é grossa em trato em tudo aquillo,
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro : mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha , quando
O Rei saber mandava da verdade :
Já vinhão pelas ruas caminhando ,
Rodeados de todo sexo , e idade ,
Os principaes , que o Rei buscar mandára
O capitão da armada , que chegára .

XLIII.

Mas elle , que do Rei já tem licença
Para desembarcar , acompanhado
Dos nobres Portuguezes , sem detença
Parte de ricos pannos adornado :
Das côres a formosa differença
A vista alegre ao povo alvoroçado :
O rémo compassado fere frio
Agora o mar , depois o fresco rio .

XLIV.

Na praia um regedor do reino estava ,
Que na sua lingua Catual se chama ,
Rodeado de Naires , que esperava
Com desusada festa o nobre Gama :
Já na terra nos braços o levava ,
E n'um portatil leito uma rica cama
Lhe offerece , em que vá (costume usado) ;
Que nos hombros dos homens he levado .

XLV.

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
 Caminhão lá, para onde o Rei o espera:
 Os outros Portuguezes vão ao uso,
 Que infantaria segue, esquadra fera:
 O povo que concorre, vai confuso
 De vêr a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar; mas no tempo já passado
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual ião fallando
 Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
 Monçaide entr'elles vai interpretando
 As palavras, que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde uma rica fabrica se erguia
 De um sumptuoso templo, já chegavão,
 Pelas portas do qual juntos entravão.

XLVII.

Ali estão das deidades as figuras
 Esculpidas em páo, e em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fingia:
 Vêm-se as abominaveis esculpturas,
 Qual a Chimera em membros se varia:
 Os Christãos olhos, a vêr Deos usados
 Em fórma humana, estão maravillhados.

XLVIII.

Um, na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Libya estava:
 Outros n'um corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava:
 Outro com muitos braços divididos
 A Briarêo parece que imitava:
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão, sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co'os que vem vêr o estranho Capitão:
 Estão pelos telhados, e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não; mas sumptuosos:
 Edificação-se os nobres seus assentos
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os Reis daquela gente
 No campo, e na cidade juntamente

LI.

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxêrga da dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que, quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava um grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava,
Rege-o um capitão de frente lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão proprio, que, se ali estiver Semele,
Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante, bebendo, sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De uma tão bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e sobjugavão
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'um capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que já, não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especularão.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Céu não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravão já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'uma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assignala
Um venerando e prospero senhor:
Um panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto d'elle um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Um brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando;
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no traje, e geito
Da gente, nunca d'antes d'elle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O capitão lhe falla deste modo:

LX.

Um grande Rei de lá das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar co'a terra esconde,
 Tingindo a, que deixou, de escura nodá,
 Ouvindo do rumor, que lá responde,
 O echo, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade;
 Vinculo quer contigo de amizade:

LXI.

E por longos rodeios a ti manda,
 Por te fazer saber, que tudo aquillo,
 Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
 E desde a fria plaga de Zelanda,
 Até bem donde o Sol não muda o estylo
 Nos dias sôbre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

E, se queres côm pactos, e lianças
 De paz, e de amizade sacra e nua
 Commercio consentir das abundanças
 Das fazendas da terra sua, e tua;
 Porque cresção as rendas, e abastanças
 (Por quem a gente mais trabalha e sua)
 De vossos reinos; será certamente
 De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará prompto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se offereça,
 Com gente, armas, e náos; de qualidade,
 Que por irmão te tenha, e te conheça:
 E da vontade em ti sôbre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada daya o Capitão,
 A quem o Rei gentio respondia,
 Que em vêr embaixadores de nação
 Tão remota grão gloria recebia:
 Mas neste caso a ultima tenção
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informando-se certo, de quem era
 O Rei, e a gente, e terra, que dissera:

LXV.

E que emtanto podia do trabalho
 Passado ir repousar, e em tempo breve
 Daria a seu despacho um justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.
 Já nisto punha a noite o usado atalho
 Ás humanas canseiras; porque ceve
 De doce somno os membros trabalhados,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados fôrão juntamente
 O Gama e Portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da Indica gente
 Com festas, e geral contentamento.
 O Catual, no cargo diligente
 De seu Rei, tinha já por regimento
 Saber da gente estranha, donde vinha,
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
 Mancebo Delio vio, que a luz renova,
 Manda chamar Monçaide, desejoso
 De poder-se informar da gente nova:
 Já lhe pergunta prompto e curioso,
 Se tem noticia inteira, e certa prova
 Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha,
 Que é gente de sua patria mui visinha:

LXVIII.

Que particularmente ali lhe dêsse
 Informação mui larga, pois fazia
 Nisso serviço ao Rei; porque soubesse
 O que neste negocio se faria.
 Monçaide torna: Posto que eu quizesse
 Dizer-te disto mais, não saberia:
 Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
 Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'um Propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãi; tal que por bafo está approvedo
 Do Deos, que tem do mundo o regimento.
 O, que entre meus antigos é vulgado
 Delles, é que o valor sanguinolento
 Das armas no seu braço resplandece,
 O que em nossos passados se parece;

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
 Os deitárão dos campos abundosos
 Do rico Tejo, e fresca Guadiana
 Com feitos memoraveis, e famosos:
 E, não contentes inda, na Africana
 Parte, cortando os mares procellosos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI.

Não menos tem mostrado esforço, e manha
 Em quaesquer outras guerras, que aconteção,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou lá d'alguns, que do Pyrene deção:
 Assi que, nunca em fim com lança estranha,
 Se tem, que por vencidos se conheção:
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibáes nenhum Marcello.

LXXII.

E, se esta informação não fôr inteira
Tanto, quanto convem, delles pretende
Informar-te; que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai vêr-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
De vêr isto, que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis: que ir vêr queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava:
À capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro, que se assente,
 E que aquelle deleite, que tanto ama
 A seita Epicurêa, experimente.

Dos espumantes vasos se derrama
 O licôr, que Noé mostrára á gente:
 Mas comer o Gêntio não pretende;
 Que a seita, que seguia, lh'ô defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares:
 Co'ô fogo o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gêntio nota; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia ali descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coelho de outra parte e o Mauritano:
 Os olhos põe no bellico transunto
 De um velho branco, aspeito soberano,
 Cujo nome não póde ser defunto,
 Emquanto houver no mundo trato humano:
 No traje a Grega usança está perfeita,
 Um ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Um ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario;
Que, se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos:
Qual Canace, que á morte se condena,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna:

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheos degradado:
Agora da esperanza já adquirida
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louró, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventarão,
Com que em tão duro estado me deitirão.

LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois, logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós; que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha, que é justo, e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que é justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que é prudente;
Para taixar com mão rapace, e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventurárão
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilatárão
Tão bem de suas obras merecida:
Apollo, e as Musas, que me acompanhárão,
Me dobrárão a furia concedida,
Em quanto eu tómo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS
LUSIADAS

CANTO VIII

OS LUSIADAS.



CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e por que causa lhe convinha
« A divisa, que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co' o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este, que vês, é Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho, ou companheiro do Thebano,
 Que tão diversas partes conquistou:
 Parece vindo ter ao ninho Hispano,
 Seguindo as armas, que contínuo usou:
 Do Douro, e Guadiana o campo ufano,
 Já dito Elysio, tanto o contentou,
 Que alli quiz dar aos já cançados ossos
 Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo, que lhe vês para divisa,
 O verde thyrsos foi de Baccho usado,
 O qual á nossa idade amostra, e avisa,
 Que foi seu companheiro, ou filho amado.
 Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
 Depois de ter tão longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Pallas, que em memoria fica?

V.

Ulysses é, o que faz a sancta casa
 Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
 Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.
 Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
 De mortos com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 Que as aguias nas bandeiras tem pintadas?

VI.

Assi o Gento diz: responde o Gama:
Este, que vês, pastor já foi de gado,
Viriáto sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderão
O primor, que com Pyrrho já tiverão:

VII.

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tirarão, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
Às vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem, com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse:

VIII.

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberão ser vencidas:
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle é Sertorio, e ella a sua divisa:

IX.

Olha est'outra bandeira , e vê pintado
O grão progenitôr dos Reis primeiros :
Nós Húngaro o fazemos , porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros :
Despois de ter , co'os Mouros , superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros ,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique ;
Porque o tronco dos reis se sanctifique.

X.

Quem é , me dize , est'outro , que me espanta ,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões , que gente tanta
Com tão pouco tem roto e destroçado ?
Tantos muros asperrimos quebranta ,
Tantas batalhas dá , nunca cansado ,
Tantas corôas tem por tantas partes ,
A seus pés derribadas , e estandartes ?

XI.

Este é o primeiro Afonso , disse o Gama ,
Que todo Portugal aos Mouros toma ,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma :
Este é aquelle zeloso , a quem Deos ama ,
Com cujo braço o Mouro imigo doma ,
Para quem de seu reino abaixa os muros ,
Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiverão
Tão pequeno poder, tão pouca gente
Contra tantos inimigos, quantos erão
Os, que desbaratava este excellente;
Não creas, que seus nomes se estendêrão
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acampanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Muniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhanao:
Fêz com siso e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fêz o consul tanto , que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante ,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante :
 Este pelo seu povo injuriado
 A si se entrega só firme e constante ;
 Est'outro a si e os filhos naturais ,
 E a consorte sem culpa , que doe mais.

XVI.

Vês este , que , sahindo da cilada ,
 Dá sobre o Rei , que cêrca a villa forte ,
 Já o Rei tem preso , e a villa descercada ?
 Illustre feito , digno de Mavorte !
 Vêl-o cá vai pintado nesta armada ,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte ,
 Tomando-lhe as galés , levando a gloria
 Da primeira maritima victoria :

XVII.

É Dom Fuas Roupinho , que na terra
 E no mar resplandece juntamente
 Co' o fogo , que accendeo junto da serra
 De Abyla nas galés da Maura gente :
 Olha como em tão justa e sancta guerra
 De acabar pelejando está contente :
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII.

Não vês um ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Theotónio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueu das quinas a bandeira:

XX.

Vêl-o cá, onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra?
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras; pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle , que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias ,
Onde a cilada esconde , com que alcança
A cidade por manhas , e ousadias :
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro , que as cabeças frias
Na mão levava : feito nunca feito !
Giraldo Sem-pavôr é o forte peito.

XXII.

Não vês um Castelhana , que aggravado
De Afonso nono Rei , pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros é deitado ,
De Portugal fazendo-se inimigo ?
Abrantes villa toma , acompanhado
Dos duros infieis , que traz consigo :
Mas vê , que um Portuguez com pouca gente
O desbarata , e o prende ousadamente :

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro ,
Que destes levar pode a palma , e o louro.
Mas olha um Ecclesiastico guerreiro ,
Que em lança de aço torna o bago de ouro :
Vêl-o entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro ?
Olha o signal no ceo , que lhe apparece ,
Com que nos poucos seus o esforço crece :

XXIV.

Vês , vão os Reis de Cordova , e Sevilla
 Rotos , co'os outros dous , e não de espaço :
 Rotos ? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos ; que não de humano braço !
 Vês , já a villa de Alcácere se humilha ,
 Sem lhe valer defeza , ou muro de aço ,
 A Dom Mattheus , o Bispo de Lisboa ,
 Que a coroa de palma ali coroa ?

XXV.

Olha um Mestre , que desce de Castella ,
 Portuguez de nação , como conquista
 A terra dos Algarves , e já nella
 Não acha , quem por armas lhe resista :
 Com manha , esforço , e com benigna estrella
 Villas , castellos toma á escala vista :
 Vês Tavila tomada aos moradores ,
 Em vingança dos sete caçadores ?

XXVI.

Vês , com bellica astucia ao Mouro ganha
 Sylves , que elle ganhou com força ingente ?
 É Dom Paio Correa , cuja manha ,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres , que em França , e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente
 Em desafios , justas e torneos ,
 Nellas deixando publicos tropheos :

XXVII.

Vêl-os , co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levárão
Dos jogos de Bellona verdadeiros ,
Que com damno de alguns se exercitárão ?
Vê mortos os soberbos cāvalleiros ,
Que o principal dos tres desafiárão ,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea ,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'um , que a fama tanto estende ,
Que de nenhum passado se contenta ,
Que a patria , que de um fraco fio pende ,
Sobre seus duros hombros a sustenta :
Não no vês tinto de ira , que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo , e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural , e não de alheio ?

XXIX.

Olha , por seu conselho , e ousadia ,
De Deos guiada só , e de sancta estrella ,
Só póde o , que impossibil parecia ,
Vencer o povo ingente de Castella :
Vês por industria , esforço , e valentia
Outro estrago , e victoria clara e bella
Na gente assi feroz , como infinita ,
Que entre o Tartesso , e Guadiana habita ?

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano pela ausencia
 Do capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essencia?
 Vêl-o com préssa já dos seus achado,
 Que lhe dizem, que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse;
 Porque comsigo esforço aos fracos dêsse?

XXXI.

Mas olha, com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando:

XXXII.

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve,
 Ouvir quizeres, como se nomea,
 Portuguez Scipião chamar-se deve,
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea:
 Ditosa patria, que tal filho teve,
 Mas antes pai; que, emquanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres, e Neptuno,
 Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê , que presas ganha
 Est'outro capitão de pouca gente ,
 Commendadores vence , e o gado apanha ,
 Que levavão roubado ousadamente :
 Outra vez vê , que a lança em sangue banha
 Destes , só por livrar co'amor ardente
 O preso amigo , preso por leal :
 Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
 O perjurio , que fêz , e vil engano :
 Gil Fernandes é de Elvas , quem o estraga ,
 E faz vir a passar o ultimo dano :
 De Xerez rouba o campo , e quasi alaga
 Co'o sangue de seus donos Castelhana.
 Mas olha Rui Pereira , que co'o rosto
 Faz escudo ás galés , diante posto.

XXXV.

Olha , que dezeseite Lusitanos
 Neste outeiro subidos se defendem
 Fortes de quatro centos Castelhanos ,
 Que em derredor pelos tomar se estendem :
 Porém logo sentirão com seus danos ,
 Que não só se defendem , mas offendem :
 Digno feito de ser no mundo eterno ,
 Grande no tempo antigo , e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antigamente , que trezentos
Já contra mil Romanos pelejarão
No tempo , que os viris atrevimentos
De Viriáto tanto se illustrarão :
E , delles alcançando vencimentos
Memoraveis , de herança nos deixarão ,
Que os muitos , por ser poucos , não temamos ,
O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes , Pedro , e Henrique ,
Progenie generosa de Joanne :
Aquelle faz , que fama illustre fique
Delle em Germania , com que a morte engane :
Este , que ella nos mares o publique
Por seu descobridor , e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade ,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dôm Pedro , que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia ?
Vês outro Conde está , que representa
Em terra Marte em forças , e ousadia ?
De poder defender se não contenta
Alcácere da ingente companhia ;
Mas do seu Rei defende a chara vida ,
Pondo por muro a sua , ali perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias , que os pintores
 Aqui tambem por certo pintarião ;
 Mas falta-lhe pincel , faltão-lhe côres ,
 Honra , premio , favor , que as artes crião :
 Culpa dos viciosos successores ,
 Que degenerão certo , e se desvião
 Do lustre , e do valor dos seus passados ,
 Em gostos e vaidades atolados .

XL.

Aquelles pais illustres , que já derão
 Principio á geração , que delles pende ,
 Pela virtude muito então fizerão ,
 E por deixar a casa , que descende :
 Cegos ! Que dos trabalhos , que tiverão ,
 Se alta fama , e rumôr delles se estende ,
 Escuros deixão sempre seus menores ,
 Com lhe deixar descansos corruptores .

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados ,
 Sem nenhum tronco illustre , donde venhão ;
 Culpa de Reis , que ás vezes a privados
 Dão mais , que a mil , que esforço , e saber tenhão :
 Estes os seus não querem vêr pintados ,
 Crendo , que côres vãs lhe não convenhão ,
 E , como a seu contrario natural ,
 Á pintura , que falla , querem mal .

XLII.

Não nego, que ha comtudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentão a nobreza, que lhe fica:
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que ali via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa;
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levara aos antípodas o dia:
Quando o gentio, e a gente generosa
Dos Naires da não forte se partia,
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV.

Entretanto os harúspices famosos
 Na falsa opinião , que em sacrificios
 Antevêm sempre os casos duvidosos
 Por signaes diabolicos , e indicios ;
 Mandados do Rei proprio , estudiosos
 Exercitavão a arte e seus officios
 Sobre esta vinda desta gente estranha ,
 Que ás suas terras vem da ignota Hespanha :

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro ,
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpetuo , eterno captiveiro ,
 Destruição de gente , e de valia.
 Vai-se espantado o attonito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos , que alcançára
 Nas entranhas das victimas , que olhára.

XLVII.

A isto mais se ajunta , que a um devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede ,
 Dos odios concebidos não remoto
 Contra a divina Fé , que tudo excede ,
 Em forma do propheta falso e noto ,
 Que do filho da escrava Agar procede ,
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece ,
 Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
 Do mal, que se apparelha pelo imigo,
 Que pelas aguas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo.
 Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
 Espantado do sonho: mas comsigo
 Cuida, que não é mais que sonho usado,
 Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
 O grão legislador, que a teus passados
 Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
 Sem o qual foreis muitos baptisados?
 Eu por ti, rudo, vélo, e tu adormeces?
 Pois saberás, que aquelles, que chegados
 De novo são, serão mui grande dano
 Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Emquanto é fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista;
 Porque, quando o Sol sahe, facilmente
 Se póde nelle pôr a aguda vista:
 Porém, depois que sobe claro e ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tão cega fica, quanto ficareis,
 Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede :
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do, que sonhou, dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
Ali se dão, segundo o que entendião:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavão, e tecião :
Mas, deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendião,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas
Concilião da terra os principaes,
E com razões notaveis e discretas
Mostrão ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejão dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe dér a lingua conselheira.

LV.

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta:
E quando um bom em tudo é justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavão.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavão,
Que levar a seu Rei um signal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII.

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que, depois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se, quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe accende, e atíça;
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos

LX.

Sobre isto nos conselhos , que tomava ,
Achava mui contrarios pareceres ;
Que naquelles , com quem se aconselhava ,
Executa o dinheiro seus poderes :
O grande Capitão chamar mandava ,
A quem , chegado , disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua ,
Perdão alcançarás da culpa tua :

LXI.

Eu sou bem informado , que a embaixada ,
Que de teu Rei me déste , que é fingida ;
Porque nem tu tens Rei , nem patria amada ,
Mas vagabundo vás passando a vida ;
Que quem da Hesperia ultima alongada ,
Rei , ou senhor , de insania desmedida ,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens , e remotas ?

LXII.

E , se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade ,
Que presentes me trazes valerosos ,
Signaes de tua incognita verdade ?
Com peças , e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade ;
Que signal , nem penhòr não são bastante
As palavras d'um vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados ,
Como já fôrão homens d'alta sorte ,
Em meu reino sereis agasalhados ;
Que toda a terra é patria para o forte :
Ou se piratas sôis ao mar usados ,
Dizei-mo sem temor de infamia , ou morte ;
Que , por se sustentar em toda idade ,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito , o Gama , que já tinha
Suspeitas das insidias , que ordenava
O Mahomético odio , donde vinha
Aquillo , que tão mal o Rei cuidava :
C'uma alta confiança , que convinha ,
Com que seguro credito alcançava ,
Que Venus Acidalia lhe influia ,
Taes palavras do sabio peito abria :

LXV.

Se os antigos delictos , que a malicia
Humana commetteu na prisca idade ,
Não causárão , que o vaso da nequicia ,
Açoute tão cruel da Christandade ,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(O' poderoso Rei) da torpe seita ;
.. Não concebêras tu tão má suspeita :

LXVI.

Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses, a quem não crer devias:

LXVII.

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago, ou da patria desterrado;
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria experimentando o mar irado,
Os Antarticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do, que digo;
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,
Onde a natura pôz teu reino antigo:
Mas, se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo;
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande;
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande:
Bem parece, que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crêa delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente proposerão
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se opposerão:
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretendêrão
De saber, que fim tinhão, e onde estavão
As derradeiras praias, que lavavão.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este por sua industria, e engenho raro,
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argus, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobrirão
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns, succedendo aos outros, proseguirão :
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammias virão ,
Forão vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna ;
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna :
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
 Tens por, qual é, sincera e não dobrada;
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gosto da tornada:
 E, se inda te parece falsidade;
 Cuida bem na razão, que está provada,
 Que com claro juizo póde vêr-se;
 Que facil é a verdade d'entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
 Com que provava o Gama o, que dizia:
 Concebe delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia:
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade grão valia:
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
 Que espera do contracto Lusitano,
 O faz obedecer, e ter respeito
 Co' o Capitão, e não co' o Mauro engano:
 Em fim, ao Gama manda, que direito
 Ás náos se vá; e, seguro d'algum dano,
 Possa á terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque, e venda:

LXXVIII.

Que mande da fazenda, emfim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça,
Se alguma traz idonea lá da banda,
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação; que a sua está de largo:

LXXIX.

Embarcação, que o leve ás náos, lhe pede:
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes; porque o arrede
Longe, quanto puder, dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o, que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendêra.

LXXXI.

Era este Catual um, dos que estavam
 Corruptos pela Mahometana gente,
 O principal, por quem se governavão
 As cidades do Samorim potente:
 Delle somente os Mouros esperavão
 Effeito a seus enganos torpemente:
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere,
 Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
 E, que assi lho mandára, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal:
 Por que razão lhe impede, e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal;
 Pois aquillo, que os Reis já tem mandado,
 Não póde ser por outrem derogado?

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil, e astuto
 Engano diabolico, e estupendo:
 Ou, como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido, estava vendo:
 Ou como as náos em fogo lhe abrasasse;
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos;
Porque não saiba nunca, onde se estende
A terra Eóa, o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama emfim; que lho defende
O regedor dos barbaros profanos:
Nem sem licença sua ir-se podia;
Que as almadías todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar á terra as náos, que longe estão;
Porque melhor dali fòsse, e tornasse:
Signal é de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz; porque do certo e fido amigo
È não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual; porque com ferro, e flamma
Lhas assalte por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo emfim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que, do raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 E, sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, e telhado,
 Trémulo, aqui e ali dessocegado.

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrára
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os bateis, como ordenára:
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse á frota, que deixára;
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
 Imitar os illustres, e igualal-os:
 Voar co'o pensamento a toda parte,
 Adivinhar perigos, e evital-os:
 Com militar engenho, e subtil arte
 Entender os imigos, e enganar-os,
 Crer tudo emfim; que nunca louvarei
 O capitão, que diga: Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a armada:
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve ali detido,
E parte do outro dia; quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra;
Para que de vagar se troque e venda;
Que, quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertão-se, que o nêgro mande dar
Embarcações idoneas, com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadías a buscar
Mercadoris Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficão Alvaro e Diogo;
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pela fazenda:

XCV.

Por ella o sólta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar á terra; porque não podesse
Ser mais retido; sendo ás náos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas náos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cubiçoso
 Regedor corrompido, e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Póde o vil interesse, e sêde imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threício,
 Só por ficar senhor do grão thesouro:
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
 Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a trôco do metal luzente, e louro
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores, e falsos os amigos:
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os, que só a Deos Omnipotente
Se dedicação, mil vezes ouvireis;
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr comtudo de virtude.



OS

LUSIADAS

CANTO IX.

1061405

11/11

OS LUSIADAS.



CANTO NONO.

I.

Tiverão longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade
Fazem, que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter ali os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythrèo, onde fundada
Arsínoe foi do Egyptio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Mahometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande, e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas náos os Mouros esperavão,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavão,
Com flammabrasassem crepitantes:
Neste soccorro tanto confiavão,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavão,
Por ser Mouro, como elles, antes era
Participante em quanto machinavão;
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as náos, que longe estavão,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena:

VII.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava,
Que se tornem ás náos: e, porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando
Um rumor não soasse com verdade,
Que fôrão presos os feitores, quando
Fôrão sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'uns, que ás náos vierão
A vender pedraria, que trouxerão.

X.

Erão estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos:
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxão pela amarra,
Outros quebrão co'o peito duro a barra:

XI.

Outros pendem da verga, e já desatão
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatão
A préssa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matão,
Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixão, que perdidos
Uns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos;
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo; porque entende,
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende,
Por firmar o commercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava;
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A sêcca flôr de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão é rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva ;
Que , inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo , que se escreva.
Oh ditoso Africano , que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva ,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira !

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos , levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperanza boa ,
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa ,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto , timidos e ledos :

XVII.

O prazer de chegar á patria chara ,
A seus penates charos , e parentes ,
Para contar a peregrina , e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes :
Vir a lograr o premio , que ganhara
Por tão longos trabalhos , e accidentes ,
Cada um tem por gosto tão perfeito ,
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegarão:
Os trabalhos, que pelo Deos, nascido
Nas Amphionêas Thebas, se causarão:
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passarão,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido, e manso.

XX.

Algun repouso emfim, com que pudesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão, que conta dêsse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido , determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina ,
Ornada d'esmaltado e verde arreo ;
Que muitas tem no reino , que confina
Da primeira co' o terreno seio ,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Ali quer , que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões ,
Todas as que tem titulo de bellas ,
Gloria dos olhos , d'ôr dos corações ,
Com danças , e choréas ; porque nellas
Influirá secretas affeições ,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar , a quem se affeçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já ; para que aquelle ,
Que de Anchises pario , bem recebido
Fosse no campo , que a bovina pelle
Tomou de espaço por subtil partido :
Seu filho vai buscar ; porque só nelle
Tem todo seu poder , fero Cupido ;
Que , assi como naquella empreza antiga
A ajudou já , nest'outra a ajude , e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves , que na vida
Vão da morte as exequias celebrando ;
E aquellas , em que já foi convertida
Péristéra , as boninas apanhando .
Em derredor da deosa já partida
No ar lascivos beijos se vão dando :
Ella , por onde passa , o ar , e o vento
Serenos faz com brando movimento .

XXV.

Já sobre os Idalios montes pende ,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos ; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde ; porque emende
Erros grandes , que ha dias nelle estão ,
Amendo cousas , que nos forão dadas ,
Não para ser amadas , mas usadas .

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero ,
De cego na alegria bruta , insana ,
Que , por seguir um feo animal fero ,
Foge da gente , e bella forma humana :
E por castigo quer doce e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana ,
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães , que agora ama , e consumido

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina:
 Vê nelles, que não tem amor a mais,
 Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
 Vê, que esses, que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira e sã doutrina,
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê, que aquelles, que devem á pobreza
 Amor divino, e ao povo charidade,
 Amão somente mandós, e riqueza,
 Simulando justiça, e integridade:
 Da fea tyrannia, e de aspereza
 Fazem direito, e vãa severidade:
 Leis em favor do Rei se estabelecem,
 As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê emfim, que ninguem ama o, que deve,
 Senão o, que somente mal deseja:
 Não quer, que tanto tempo se releve
 O castigo, que duro, e justo seja.
 Seus ministros ajunta; porque leve
 Exercitos conformes á peleja,
 Que espera ter co'a mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavão
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas, onde os ferros temperavão,
Lagrimas são de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume
Desejo é só, que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavão
Dos, que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as, que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feas,
Segundo a qualidade fôr das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curão-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficão ligados em cadeas
Por palavras subtis de sabias magas,
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertão de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das môças, Bibli, e Cinyrea:
Um mancebo de Assyria, um de Judea.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcanas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino
É mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punhão os brancos cysnes mansamente,
E Dióne, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebê-la vem ledo e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella; porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Typhêas tens em nada;
A socorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço;
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em, quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
 Baccho forão na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso
 Puderão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero, que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, e doce gloria
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria, que feridas
 As filhas de Nerêo no ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo,
 Todas n'uma ilha juntas, e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei apparelhada,
 De dões de Flora, e Zephyro adornada:

XLI.

Ali com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares
 Formosos leitos, e ellas mais formosas,
 Emfim com mil deleites não vulgares
 Os esperem as nymphas amorosas,
 D'amor feridas; para lhe entregarem,
 Quanto dellas os olhos cubicarem:

XLII.

Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendão, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra, quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propòz, e o filho inico,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledó a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Uma famosa e celebre terceira,
Que, postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O, que vê, com mil bôcas apregoa.

XLV.

Vão-a buscar, e mandão-a diante,
 Que celebrando vá com tuba clara
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara:
 Falla verdade, havida por verdade;
 Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos deoses, que indignados
 Fôião por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando, os fez um pouco affeiçãoados.
 O peito feminino, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por máo zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
 Uma após outra, geme o mar co'os tiros:
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algũas vão, e algũas fazem giros:
 Cahem as nymphas, lanção das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros:
 Cahe qualquer, sem vêr o vulto, que ama;
 Que tanto, como a vista, póde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lãa,
 Com força o moço indomito excessiva;
 Que Tethys quer ferir mais, que nenhũa;
 Porque mais, que nenhũa, lhe era esquiua.
 Já não fica na aljava setta algũa,
 Nem nos equoreos campos nymphã viva:
 E, se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir, que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas;
 Que, vedes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas, e redondas,
 Que vem por cima da agua Neptunina:
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, á flamma feminina,
 É forçado, que a pudicicia honesta
 Faça, quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello côro se apparelha
 Das Nereidas, e junto caminhava
 Em chorêas gentis, usança velha,
 Para a ilha, a que Venus as guiava:
 Ali a formosa deosa lhe aconselha
 O, que ella fez mil vezes, quando amava:
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada :
Quando juntas com subita alegria
Houverão vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mâi formosa
De Memnónio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha virão fresca e bella ;
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava ;
Que, porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegão a movia
A Acidália, que tudo emfim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio,
Que era dos nautas vista, e demandada ;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latôna Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavão,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lymphá fugitiva.

LV.

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sôbre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A lorangeira tem no fruto lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão; que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellos:
Os formosos limões ali cheirando
Estão virgineas têtas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente cõma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherèa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraíso.

LVIII.

Os dões, que dá Pomõna, ali natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura:
As amoras, que o nome tem de amores:
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide c'uns cachos roxos, e outros verdes:
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça a flôr Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Páphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flôres.
Pintando estava ali Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores:
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII.

A candida cecêm, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vêm-se as letras nas flôres Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxérga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voão,
Alegres animaes o chão povoão:

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Ali no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavão
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavão
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavão,
Algumas harpas, e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingião
Seguir os animaes, que não seguião.

LXV.

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos Barões a prêsa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fôrma descoberta
Do bello corpo estavão confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixão na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punhão os pés de terra cubiçosos ;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos :
Não cuidão, que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns, que em espingardas, e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavão,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançavão :
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavão
Ao longo da agua, que suave, e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começão de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres, de quem a vista julga, e sente,
Que não erão das rosas, ou das flôres ;
Mas da lã fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado um grande grito,
 Senhores, caça estranha, disse, é esta:
 Se inda dura o Gentio antiguo rito,
 A deosas é sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos, do que humano espirito
 Desejou nunca: e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas, e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos,
 Se phantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, veloces mais, que gamos,
 Se lanção a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
 Se deixão ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva,
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Uma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia,
 Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavão:
Ellas começão subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavão.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O, que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
A' vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua: outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado; (que co'a mora
De se despir ha medo, que inda tarde)
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida, -
Vendo no rosto o ferreo cano, erguido
Para a garcenha, ou pata conhecida;
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da prêsã não duvida,
Nadando vai, e latindo: assi o mancebo
Remette á, que não era irmãã de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,
 A quem amor não dera um só desgosto,
 Mas sempre fôra delle maltratado,
 E tinha já por firme presupposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porêem não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Após Ephyre, exemplo de belleza,
 Que mais caro, que as outras, dar queria
 O, que deu, para dar-se, a natureza.
 Já cansado correndo lhe dizia:
 O' formosura indigna de aspereza;
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera um corpo, de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansão, nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo,
 Tu só de mi só foges na espessura?
 Quem te disse, que eu era o, que te sigo?
 Se to tem dito já aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 O' não na creas; porque eu, quando o cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não canses; que me cansas: e se queres
Fugir-me; porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que, inda que esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera: quero vêr, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

LXXIX.

O' não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que, emquanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atadaavas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo;
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere:
E se me esperas, não ha mais, que espero.

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha tanto
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia:
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O, que mais paixão na manhã, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é experimenta-lo, que julga-lo;
Mas julgue-o, quem não póde experimenta-lo.

LXXXIV.

Desta arte emfim conformes já as formosas
 Nymphas co'os seus amados navegantes,
 Os ornão de capellas deleitosas,
 De louro, e de ouro, e flôres abundantes:
 As mãos alvas lhe davão como esposas:
 Com palavras formaes, e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Uma dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das nymphas, e obedece,
 Que, dizem, ser de Cælo e Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece;
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
 O Capitão illustre, que o merece,
 Recebe ali com pompa honesta e regia,
 Mostrando-se senhora grande e egregia;

LXXXVI.

Que, depois de lhe ter dito, quem era,
 C'um alto exordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a entender, que ali viera
 Por alta influição do immobil fado;
 Para lhe descobrir da unida esphera,
 Da terra immensa, e mar não navegado
 Os segredos por alta prophecia,
 O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão, o leva, e guia
Para o cume d'um monte alto e divino,
No qual ùa rica fábrika se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passão do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flôres.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'uma alma, doce, incognita alegria
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido;

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroadada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha;

XC.

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sôbre as azas inelytas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso;

XCI.

Não erão senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizerão, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Enêas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos fôrão de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cubiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente;
Porque essas honras vâas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merece-los, sem os ter,
Que possui-los, sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que, quem quiz, sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

OS
LUSIADAS

CANTO X

1027A(20)

(1978)

OS LUSIADAS.



CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes :
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co' o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava.

II.

Quando as formosas nymphas, co' os amantes
Pela mão já conformes e cententes,
Subião para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza

III.

Ali em cadeiras ricas, crystallinas
Se assentão dous e dous, amante, e dama:
N'outras á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavão,
Risos doces, subtis, e argútos ditos,
Que entre um, e outro manjar se alevantavão,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavão,
Quaes no profundo reino os nus espiritos
Fizerão descansar da eterna pena,
C'uma voz d'uma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:
Um subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceu
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteu
N'um globo vão, diáphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheu logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia é de cothurno, e não de socco,
A, que a nympha aprendeu no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha!

X.

Cantava a bella deosa, que virião
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras vencerião,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não darião
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provarião do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI.

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Vêr destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII.

E canta, como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentiráõ, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará, que todo o Naire emfim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vèz desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vèz, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará, que os seus, de vida pouco escassos,
Commettão o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá ali o Samorim; por que em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforço, e anime:
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vêz septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava;
Mas comtudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravellas;
Que atelli vão lhe fôra commette-las.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrasar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vã a braveza, com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

XX.

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes córos invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI.

Aquelle, que nos campos Marathonios
 O grão poder de Dário estrue, e rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermopylas defende,
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio;
 Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
 Abaixando, fez ronco, e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
 O grande esforço mal agradecido.
 O' Belizario, disse, que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
 Como no galardão injusto e duro:
 Em ti, e nelle veremos altos peitos
 A baixo estado vir, humilde e escuro:
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos
 Os, que ao Rei, e á lei servem de muro!
 Isto fazem os Reis, cuja vontade
 Manda mais, que a justiça, e que a verdade:

XXIV.

Isto fazem os Reis , quando embebidos
N'uma apparencia branda , que os contenta ,
Dão os premios , de Aiace merecidos ,
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta :
Mas vingo-me ; que os bens mal repartidos ,
Por quem só doces sombras apresenta ,
Se não os dão a sabios cavalleiros ,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros .

XXV.

Mas tu , de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo , ó Rei , só nisto inico ,
Se não és para dar-lhe honroso estado ,
E' elle para dar-te um reino rico :
Emquanto fôr o mundo rodeado
Dos Apollineos raios , eu te fico ,
Que elle seja entre a gente illustre e claro ,
E tu nisto culpado por avaro .

XXVI.

Mas eis outro , cantava , intitulado
Vem com nome Real , e traz comsigo
O filho , que no mar será illustrado
Tanto , como qualquer Romano antigo :
Ambos darão com braço forte , armado
A Quiloa fertil aspero castigo ,
Fazendo nella Rei leal e humano ,
Deitado fóra o perfido Tyranno .

XXVII.

Tambem farão Mombaça , que se arrea
De casas sumptuosas e edificios ,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea ,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India , andando chea
De lenhos inimigos , e artificios
Contra os Lusos , com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes náos do Samorim potente ,
Que encherão todo o mar , co'a ferrea pella ,
Que sahe com trovão do cobre ardente ,
Fará pedaços leme , mastro , vela :
Despois , lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga , dentro nella
Saltando , a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia ;
Que ella só sabe o bem , de que se serve ,
O porá , onde esforço , nem prudencia ,
Poderá haver , que a vida lhe reserve :
Em Chaul , onde em sangue , e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve ,
Lhe farão , que com vida se não saia ,
As armadas de Egypto , e de Cambaia.

XXX.

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltarão, e os perigos
Do mar, que sobejarão, tudo o offende.
Aqui resurjão todos os antigos,
A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda ùa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liára:
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo ,
 Trazendo furia , e magoa por antolhos ,
 Com que o paterno amor lhe está movendo
 Fogo no coração , agua nos olhos :
 A nobre ira lhe vinha promettendo ,
 Que o sangue fará dar pelos gíolhos
 Nas inimigas náos : senti-lo-ha o Nilo ,
 Pode-lo-ha o Indo vêr , e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro cioso , que se ensaia
 Para a crua peleja , os cornos tenta
 No tronco d'um carvalho , ou alta faia ;
 E o ar ferindo , as forças exprimenta :
 Tal , antes que no seio de Cambaia
 Entre Francisco irado , na opulenta
 Cidade de Dabul a espada afia ,
 Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo , entrando fero na enseada
 De Dio , illustre em cercos e batalhas ,
 Fará espalhar a fraca e grande armada
 De Calecut , que remos tem por malhas :
 A' de Melique Yaz acautelada ,
 Co'os pelouros , que tu , Vulcano , espalhas ,
 Fará ir vêr o frio e fundo assento ,
 Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocêm , que , abalroando ,
 A furia esperará dos vingadores ,
 Verá braços , e pernas ir nadando ,
 Sem corpos , pelo mar , de seus senhores :
 Raios de fogo irão representando
 No cego ardor os bravos domadores :
 Quanto ali sentirão olhos , e ouvidos ,
 E' fumo , ferro , flammæ , e alaridos .

XXXVII.

Mas ah , que desta prospera victoria ,
 Com que depois virá ao patrio Tejo ,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Um successo , que triste , e negro vejo !
 O cabo Tormentorio , que a memoria
 Co'os ossos guardará , não terá pejo
 De tirar deste mundo aquelle espirito ,
 Que não tirarão toda a India , e Egyto .

XXXVIII.

Ali Cafres selvagens poderão
 O , que destros imigos não pudérão ,
 E rudos páos tostados sós farão
 O , que arcos , e pelouros não fizerão .
 Occultos os juizos de Deos são !
 As gentes vãs , que não os entendêrão ,
 Chamão-lhe fado máo , fortuna escura ,
 Sendo só providencia de Deos pura .

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava
 Pelo Cunha tambem; que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar, que lava
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamão
 De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamão!

XL.

Esta luz é do fogo, e das luzentes
 Armas, com que Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
 Que refusão o jugo honroso, e brando:
 Ali verão as settas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou; que Deos peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Ali de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos, no combate,
 Que, mortos, pela praia e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:
 Até que á força só de braço aprendem
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros:
Irão soldados ínclytos fazendo
Mais, que leões famélicos, e touros,
Na luz, que sempre celebrada, e dina
Será da EGYPCIA Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir pôderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada,
Malaivos namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo, que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sação, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'uma escrava vil, lasciva, e escura:
Se o peito, ou de ocioso, ou de modesto,
Ou de usado á crueza fera e dura,
Co'os seus uma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia,
Que nenhum máo desejo o venceria:

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fòra de amor; que emfim não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'um caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes,

L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas rôxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme:

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho:
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico ali visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro,
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres:

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganós.
Outro Menezes logo, cuja idade
E' maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique:

LV.

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingão só do peito, que as commette:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cubiça triumphá, e incontinencia,
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valôr alto, o fado quer, que venhas
A mandar mais de palmas coroadó,
Que de fortuna justa acompanhado:

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co' o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas, e sobmettas:

LVIII.

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e semrazão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
E' saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas comtudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado:
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar; para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha:

LX.

E não menos de Dio a fera frota ,
Que Chaul temerá , de grande e ousada ,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira , e destroçada :
Por Heitor Portuguez , de quem se nota ,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano ,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano .

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha , que longo tempo tem o leme :
De Chale as terras altas erguerá ,
Emquanto Dio illustre delle treme :
O forte Baçaim se lhe dará ,
Não sem sangue porém ; que nelle geme
Melique , porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada .

LXII.

Tras este vem Noronha cujo auspicio
De Dio os Rumes féros afugenta ,
Dio , que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta :
Fará em Noronha a morte o usado officio ,
Quando um teu ramo , ó Gama , se exprimenta
No governo do imperio , cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello .

LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas um, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado:
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogôr poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio:

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo:

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos ,
Virá depois com sceptro a governa-la ,
Sem que ache resistencia , nem perigos ;
Que todos tremem d'elle , e nenhum falla :
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá , que vira já Beadála :
De sangue e corpos mortos ficou chea ,
E de fogo e trovões desfeita , e fea .

LXVII.

Este será Martinho , que de Marte
O nome tem co'as obras derivado :
Tanto em armas illustre em toda parte ,
Quanto em conselho sabio , e bem cuidado .
Succeder-lhe-ha ali Castro , que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado ,
Conforme successor ao succedido ;
Que um ergue Dio , outro o defende erguido :

LXVIII.

Persas feroces , Abassís , e Rumes ,
Que trazido de Roma o nome tem ,
Varios de gestos , varios de costumes ;
Que mil nações ao cerco feras vem ,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes ,
Porque uns poucos a terra lhe detem :
Em sangue Portuguez jurão descridos
De banhar os bigodes retorcidos :

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrificem:

LXX.

Fernando um delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado, e ao Ceo subido:
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos:

LXXI.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co' o restante da gente Lusitana,
E com força, é saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana:
Uns, paredes subindo, escusão porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibão em verso, ou larga historia:

LXXII.

Este depois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydacham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros Barões por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha:
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoro applauso vozes davão,
Com que festejão as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravão.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N'uma cónsona voz todas soavão,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa! »

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfêz do mantimento nobre ,
E na harmónica e doce suavidade
Virão os altos feitos , que descobre :
Tethys , de graça ornada , e gravidade ;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia ,
Para o felice Gama assi dizia :

LXXVI.

Faz-te mercê , Barão , a Sapiencia
Suprema , de co'os olhos corporais
Veres o , que não póde a vã sciencia
Dos errados , e miseros mortais !
Sigue-me firme e forte , com prudencia ,
Por este monte espesso , tu , co'os mais .
Assi lhe diz : e o guia por um mato
Arduo , difficil , duro a humano trato .

LXXVII.

Não andão muito , que no erguido cume
Se achárão , onde um campo se esmaltava
De esmeraldas , rubis taes , que presume
A vista , que divino chão pisava :
Aqui um globo vêm no ar ; que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo , que o seu centro está evidente ,
Como a sua superficie claramente .

LXXVIII.

Qual a materia seja , não se enxerga ,
 Mas enxerga-se bem , que está composto
 De varios orbes , que a divina verga
 Compôz , e um centro a todos só tem posto :
 Volvendo , ora se abaixe , agora se erga ,
 Nunca s'ergue , ou se abaixa , e um mesmo rosto
 Por toda a parte tem , e em toda a parte
 Começa , e acaba emfim por divina arte :

LXXIX.

Uniforme , perfeito , em si sustido ,
 Qual emfim o Archetipo , que o creou.
 Vendo o Gama este globo , commovido
 De espanto e de desejo ali ficou.
 Diz-lhe a deosa : O transumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus ; para que vejas ,
 Por onde vás , e irás , e o que desejas .

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo ,
 Ethérea , e elemental , que fabricada
 Assi foi do saber alto , e profundo ,
 Que é sem principio , e meta limitada .
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo , e sua superficie tão limada ,
 E' Deos : mas o que é Deos , ninguem o entende ;
 Que a tanto o engenho humano não se estende .

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,
 Empyreo se nomea, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem
 Tamanho, que elle só se entende e alcança
 De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão; porque eu, Saturno, e Jano
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal, e cego engano:
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos; e se mais o trato humano
 Nos pôde dar, é só, que o nome nosso
 Nestas estrellas pôz o engenho vosso:

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta.
 Ensina-o a prophetica sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta:
 Os, que são bons, guiando favorecem,
 Os máos, emquanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente:

LXXXV.

Emfim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo', tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozão, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxérga: é o MóBILE primeiro:

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os, que dentro tem no seio:
Por obra deste o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e subjogado a duro freio,
Que, emquanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, e radiantos,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes:
 Bem vès como se veste, e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
 Animaes dòze traz affigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
 Olha a Carrêta, attenta a Cynosura,
 Andromeda, e seu pai, e o Drago horrêdo:
 Vê de Cassiopêa a formosura,
 E do Oriente o gesto metuendo;
 Olha o Cysne morrendo, que suspira,
 A Lebre e os Cães, a Náo e a dòce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
 Vès o ceo de Saturno, deos antigo,
 Jupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixo, bellico inimigo,
 O claro olho do ceo no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz comsigo,
 Mercurio de eloquencia soberana,
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentão;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentão
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII.

Vès Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza.
Vès Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza,
Co'o cabo, que atequi se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotápa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal, por que mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama:

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos:
Olha, delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza:

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberão os antigos:
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama:

XCVI.

Nesta remota terra, um filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro,
 Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:
 Vê cá a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gazalhoso, e charo:
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obí, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Arómata chamado,
 E agora Guardafú, dos moradores,
 Onde começa a boca do afamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as côres:
 Este como limite está lançado,
 Que divide Asia de Africa; e as melhores
 Povoações, que a parte Africa tem,
 Maçuá são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suéz, que antigamente,
 Dizem, que foi dos Héroas a cidade,
 Outros dizem que Arsínoe, e ao presente
 Tem das frotas do Egypto a potestade:
 Olha as aguas, nas quaes abriu patente
 Estrada o grão Moysés na antigua idade:
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
 Co' o sepulchro de Sancta Catharina:
 Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
 Agua das fontes doce, e crystallina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reino da sêcca Ádem, que confina
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias três, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga e baça,
 Donde vem os cavallo para a guerra,
 Ligeiros, e feroces, de alta raça.
 Olha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co' o nome se appellida
 Da cidade Fartáque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso insenso para as aras:
 Mas attenta, já cá de est'outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda serão claras,
 Quando as galés do Turco, e fera armada
 Virem de Castel-Branco núa a espada.

CII.

Olha o cabo Asabóro , que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes :
Por aqui entra o lago , que é fechado
De Arabia , e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barêm , que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas , e imitantes
Á côr da Aurora , e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates uma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre ,
Sempre posto no campo , e nos cavallos ,
Que se injuriá de usar fundido cobre ,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm , como descobre
O , que fazem do tempo os intervallos ;
Que da cidade Armuza , que alli esteve ,
Ella o nome depois , e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara ,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara :
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Souza , que provara
Já seu braço em Ampaza , que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões usados della:
Carmânia teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês, corre a costa célebre Indiana
Para o Sul até o cabo Comori,
Já chamado Corí, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre um e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado:

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapôr, formosa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Podèr tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephants.

CXI.

Era tão grande o peso do madeiro,
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabía bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brâhmenes o tem por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja,
Buscão maneiras mil, buscão desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

Um filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa,
Condemnárão-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvedo:
Virão todos o môço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI.

Este milagre fêz tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brâhmenes se encherão de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão mata-lo em fim de tudo.

CXVII.

Um dia , que prégando ao povo estava ,
Fingirão entre a gente um arruido :
Já Christo neste tempo lhe ordenava ,
Que , padecendo , fòsse ao Ceo subido .
A multidão das pedras , que voava ,
No Sancto dá , já a tudo offereçido :
Um dos mãos , por fartar-se mais depressa ,
Com crua lança o peito lhe atravessa .

CXVIII.

Chorarão-te , Thomé , o Gange e o Indo ,
Chorou-te toda a terra , que pizaste ;
Mais te chorão as almas , que vestindo
Se ião da sancta Fé , que lhe ensinaste :
Mas os Anjos do Ceo cantando , e rindo ,
Te recebem na gloria , que ganhaste .
Pedimos-te , que a Deos ajuda peças ,
Com que os teus Lusitanos favoreças .

CXIX.

E vós outros , que os nomes usurpais
De mandados de Deos , como Thomé ,
Dizei , se sòis mandados , como estais ,
Sem irdes a prégar a sancta Fé ?
Olhai que , se sòis sal , e vos damnais
Na patria , onde propheta ninguem é ;
Com que se salgarão em nossos dias
(Infeis deixo) tantas heresias ?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa ,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa ,
Se faz curva a Gangetica enseada :
Corre Narsinga rica e poderosa ,
Corre Orixá de roupas abastada ,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza ,
Que, inda que sejam grandes peccadores ,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegú, que já monstros povoarão ,
Monstros filhos do fêo ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharão :
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumão, o que usarão
Por manha da Rainha, que, inventando
Tal uso, deitou fóra o errôr nefando.

CXXIII.

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido:
Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das, que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem, que desta terra, có'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samátra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntarão,
Alguns que fosse Ophír imaginarão.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patâne, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita:
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas:
Os Láos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de selvagens vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, usança crua.

CXXVII.

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frió:
A gente d'elle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem depois de morte
Os brutos animaes de toda a sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX.

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata é do páo cheiroso ornada:
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Trópico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre um imperio, e o outro se edifica,
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes, o Rei, que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que é famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se:
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre, e Ternáte, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás do cravo ardente,
Co' o sangue Portuguez inda compradas,
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltão
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltão,
Da verde noz tomando seu` tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltão
Lagrimas no licôr coalhado, e enxuto
Das arvores, que câmphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Um rio, diz, que tem miraculoso,
Que, por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammæ tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licôr, que o tronco chora,
Cheiroso mais, que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda sêda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa;
Pela pedra, onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pômo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar o Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa:
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão, que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vêdes a grande terra, que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte também co' o páo vermelho nota,
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vai da Linha,
D'uma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora; pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser acceitos
Às eternas espôsas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII.

Podeis-vos embarcar; que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada:
Levão fresco, e nobre mantimento,
Levão a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi forão cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houverão vista do terreno,
Em que nascêrão, sempre desejado.
Entrárão pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza:

CXLVI.

E não sei, por que influxo de destino
Não tem um ledô orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledô o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sôis (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai, que ledos vão por varias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes, e vigias,
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de Idolátras, e de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vós tão longe sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes:
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros, e ardentes
 Commettêrão comvosco, e não duvido,
 Que vencedor vos fação, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade:
 De rigorosas leis desalivai-os;
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:
 Os mais experimentados levantai-os,
 Se com a experiencia tem bondade
 Para vosso conselho; pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente;
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos,

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemaes, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possão dizer, que são para mandados
Mais, que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'experimentados,
Que virão largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bocca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se achão raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito:
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante
De sorte, que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.



Á venda na mesma casa :

FLORILEGIO

DA POESIA BRASILEIRA

Ou Collecção das mais notaveis composições dos Poetas Brasileiro fallecidos, contendo as biographias de muitos delles; tudo prescedido de um Ensaio Historico sobre as letras do Brasil. (Por F. A. de Varnhagen.) 3 vol. em brochura Rs. 5\$000
Encadernado Rs. 7\$000

Esta collecção é um verdadeiro thesouro de preciosas poesias ineditas e raras, todas de autores brasileiros, taes como Euzebio de Mattos, Gregorio de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, João de Brito e Lima, Antonio José, Claudio Manoel, José Basilio, Silva Alvarenga, Fr. J. da S. R. Durão, I. J. d'Alvarenga Peixoto, Critillo, T. A. Gonzaga, D. C. Barbosa, Padre A. P. de Souza Caldas, Fr. Francisco de S. Carlos, M. J. Ribeiro, J. J. Lisboa, A. M. Bordallo, J. J. da Silva, B. A. Cordovil, L. Paulino, J. da Natividade Saldanha, Padre Severio da Paraópebas, J. B. de Andrade e Silva, F. V. Barbosa, Marquez de Paranaguá, Conego J. da Cunha Barbosa, A. T. de Macedo etc.

DEC -11934

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS



0 024 329 164 1

